



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO

JANETE BARROSO BATISTA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIO PROFISSIONAL DO
TUTOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA VIRTUAL**

FORTALEZA

2010

JANETE BARROSO BATISTA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIO PROFISSIONAL DO
TUTOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA VIRTUAL**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Hermínio Borges Neto.

Fortaleza

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

B337c

Batista, Janete Barroso.

A construção da identidade socio profissional do tutor na educação a distância virtual / Janete Barroso Batista. – 2010.

92 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2010.

Área de Concentração: Educação.

Orientação: Prof. Dr. Hermínio Borges Neto.

1.Ensino a distância. 2.Professores – formação. 3.Ambientes virtuais compartilhados.
4.Aprendizagem. I. Título.

CDD 371.334

JANETE BARROSO BATISTA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIO PROFISSIONAL DO TUTOR
NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA VIRTUAL**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Hermínio Borges Neto (orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Cassandra Ribeiro de Oliveira e Silva
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCe)

Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Gilberto Lacerda Santos
Universidade de Brasília (UNB)

AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido até aqui foi guiado por pessoas a quem muito agradeço, por motivos distintos; a elas meu muito obrigada.

À Deus pelas bênçãos concedidas.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo apoio financeiro (CNPq).

Aos Funcionários e Professores do Programa de Pós Graduação da Faced/UFC pela prontidão e ensinamentos.

Ao Prof. Dr. Hermínio Borges Neto, por sempre ter acreditado.

Ao Laboratório de Pesquisa Multimeios, por todo apoio.

@s Amig@s, pelo carinho e companheirismo.

À minha Família, por tudo.

Ter uma interrogação e andar em torno dela em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões e outra vez...

Prof. Joel Martins

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de investigar a identidade do tutor em cursos na modalidade a distância por meio de ambientes virtuais de ensino (AVE). O tema da tutoria em EaD é bem atual pelo fato da sua expansão em vários níveis de ensino, como a Universidade Aberta do Brasil (UAB), no nível superior, Escola Técnica Aberta do Brasil, no ensino técnico de nível médio, extensões e especializações diversas para a formação docente, como nas áreas da diversidade, mídias, gestão pública, entre outros. Questiona-se então, sobre qual a identidade do tutor e quais as questões que envolvem a emergência desse profissional no âmbito da EaD por meio de AVE. A pesquisa apoiou-se em orientações na abordagem de natureza qualitativa, com objetivos exploratórios e descritivos. A abordagem qualitativa caracteriza-se por ter o ambiente natural como fonte direta de dados, por interessar-se mais pelo processo do que pelos resultados, a qual tende a analisar os dados de forma indutiva e dar importância aos significados formulados pelos sujeitos, destacando a complexidade do objeto, ao permitir que seus objetivos descrevam realidades múltiplas. Em vista, dos resultados e discussões desenvolvidos na pesquisa, concluiu-se, em primeiro lugar, que a educação a distância demanda saberes específicos dos tutores próprios de uma modalidade com base tecnológica digital. Nas falas citadas pelos sujeitos, emergiram questões como metodologias e técnicas específicas, maior contato professor-aluno, individualidade no atendimento ao estudante, processo avaliativo específico e domínio tecnológico. Percebi que, para lidar com essas questões específicas da EaD as instituições de ensino proporcionam formações de tutoria com o objetivo de preparar o tutor. Nas falas dos entrevistados, entendi que, apesar dessas formações ajudarem, não são suficientes para este objetivo, pois consistem em formações teóricas, apresentando assim limitações para o trabalho na EaD. Nesse sentido, os tutores relataram problemas em questões como o uso do ambiente, na avaliação, no acompanhamento de alunos e a própria indefinição de tutor que atrapalha a relação professor-aluno. Uma das questões centrais deste trabalho foi buscar nos relatos dos sujeitos o sentido de ser tutor. Consegui apreender, nos diferentes momentos dos relatos, elementos que definiram o trabalho do tutor como labor docente. Tutor é professor!

PALAVRAS-CHAVE: Educação a distância, Tutor, Ambientes virtuais de ensino e aprendizagem

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo investigar la identidad del tutor en los cursos a distancia a través de entornos virtuales de enseñanza (AVE). El tema de la tutoría en EaD es de actualidad debido a su expansión en los diversos niveles de la educación, tales como la Universidade Aberta do Brasil (UAB), en el nivel superior, Escola Técnica Aberta do Brasil, en enseñanza técnica de nivel medio, en diversas extensiones y especializaciones para la formación del profesorado, como en las áreas de diversidad, los medios de comunicación y la administración pública, entre otros. Surge entonces la pregunta, sobre cuál es la identidad del tutor y cuáles son las cuestiones que rodean la aparición de ese profesional dentro de la EaD a través del AVE. La investigación se basa en las directrices del enfoque cualitativo con objetivos exploratorios y descriptivos. El enfoque cualitativo se caracteriza por tener el ambiente natural como una fuente directa de datos, estando más interesado en el proceso que en los resultados, el cual tiende a analizar los datos de forma inductiva y dar importancia a los significados formulados por los sujetos, destacando la complejidad del objeto, al permitir que sus objetivos describan realidades múltiples. En vista de los resultados y discusiones desarrolladas en la investigación, se concluyó, en primer lugar, que la educación a distancia requiere un conocimiento específico de los tutores propio de una modalidad con base tecnológica digital. En el discurso citado por los sujetos, surgieron temas como metodologías y técnicas específicas, mayor contacto alumno-profesor, la individualidad en el tratamiento con el estudiante, el proceso de evaluación específica y el dominio de la tecnología. Me di cuenta que para hacer frente a estas cuestiones específicas de la EaD las instituciones de enseñanza proporciona formación de tutorías con el objetivo de preparar el tutor. En las entrevistas, percibí que, a pesar de que esas formaciones son de ayuda, no es suficiente para este propósito, ya que comprenden formaciones teóricas, presentando así limitaciones para trabajar en la EaD. En este sentido, los tutores informaron de problemas relativos al uso del ambiente, en la evaluación, en el seguimiento de los estudiantes y la misma indefinición de tutor que entorpece la relación profesor-alumno. Una de las cuestiones centrales de este trabajo fue buscar en los relatos de los sujetos el sentido de ser tutor. Conseguí aprender, en los diferentes momentos, elementos que definieron el trabajo del tutor como labor educativa. ¡Tutor es profesor!

PALABRAS CLAVE: educación a distancia, tutor, entornos virtuales de enseñanza y aprendizaje

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Diferenças entre prática docente presencial e a distância.....	44
Tabela 2 - Habilidade e/ou saber diferenciado para o trabalho como tutor.....	48
Tabela 3 - Problemas.....	55
Tabela 4 - Desafios.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 Educação a distância na sociedade contemporânea.....	16
2.2 Ambientes virtuais de ensino e aprendizagem: novos lugares de ensinar e aprender.....	21
2.3 Concepções de educação a distância	27
2.4 O trabalho do tutor na educação a distância.....	30
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	40
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	45
4.1 Saberes docentes.....	45
4.2 A identidade do tutor pelo próprio tutor.....	52
4.3 Formação profissional.....	55
4.4 Condições de trabalho (estrutura financeira, física, reconhecimento social)...	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	64

ANEXO

Anexo I - Roteiro de entrevista aplicado junto a tutores

Anexo II - Entrevistas

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem o objetivo de investigar a identidade do tutor em cursos na modalidade a distância por meio de ambientes virtuais de ensino e aprendizagem (AVEA). A motivação para o desenvolvimento deste trabalho surgiu mediante as experiências na área de formação de professor e o uso de tecnologias digitais, iniciadas no curso de graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC).

No período que constitui minha graduação (1999 - 2003.1), engajei-me em projetos de pesquisas focados na formação de professores. Inicialmente, entrei no grupo de pesquisa Saber e Prática Social do educador¹ como voluntária. Naquele momento, o grupo estava trabalhando no projeto *O impacto das transformações do saber nas sociedades contemporâneas sobre a formação de professores*, que se encontrava em fase de conclusão. Esse projeto visava analisar as transformações do saber com o desenvolvimento de tecnologias digitais e sua implementação em escolas de ensino fundamental. O estudo estava voltado para o projeto Telensino e Informática na Escola, sobre a cultura e a profissionalização docente, e também para as formas de socialização dos jovens, tendo em vista suas implicações para o currículo e os processos de formação do educador. Em 2000, com a aprovação do projeto *Experiência e competência no ensino: estudo da ação pedagógica na perspectiva da ergonomia do trabalho docente*, fui inserida como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No interior dessa pesquisa, aprofundamos estudos e reflexões sobre experiência profissional no âmbito do trabalho docente com base nas teorias da competência.

Ainda na graduação, cursei disciplinas na área de tecnologias digitais. Meu interesse aflorou quando tomei conhecimento de alguns projetos² que desenvolviam

¹ Coordenado pelo professor doutor Jacques Therrien, este é um Grupo de Pesquisa da área de Educação. Constituído em 1989, é registrado no CNPq, reunindo pesquisadores em torno de eixos temáticos centrados na cultura docente e na cultura discente.

² Biblioteca Virtual Moreira Campos-BV/Centro de Referência do Professor – CRP. Espaço criado oficialmente pela Prefeitura Municipal de Fortaleza em 13 de novembro de 2000. O ambiente constituiu-se por estruturas pedagógicas com computadores ligados à internet. É um espaço público de inclusão socio digital, destinado primordialmente à formação de professores municipais em Informática Educativa, estendendo seu atendimento, com o uso das tecnologias digitais, a alunos, servidores e população de modo geral.

trabalhos com as tecnologias digitais. Infelizmente, não tinha como conciliar meus estudos relativos à pesquisa do projeto junto ao CNPq com esses outros projetos, porém cursei todas as disciplinas na área que existiam no currículo de Pedagogia naquele momento (Informática na Educação, Novas Tecnologias e Educação a Distância, Aprendizagem Mediada por Computador). Surgiu a oportunidade de ser monitora da disciplina *Novas Tecnologias e Educação a Distância*, ministrada pelo Professor Doutor Hermínio Borges Neto, o que me levou à aproximação do Laboratório de Pesquisa Multimeios, situado na Faculdade de Educação (FACED) na Universidade Federal do Ceará (UFC).

O Laboratório de Pesquisa Multimeios constitui um ambiente voltado ao desenvolvimento de pesquisas sobre o uso de tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem, metodologias e formação docente. Nesse espaço, encontrei abertura para o desenvolvimento de estudos em minha área de interesse. Concluída a graduação, ingressei em 2003.2 no curso de Especialização em Informática educativa na mesma Universidade. Nesse curso, utiliza-se a plataforma Teleduc para dar suporte às nossas aulas presenciais. Também cursamos disciplinas na modalidade a distância. Desenvolvi como trabalho final de curso o projeto para o mestrado.

Na área de EaD na UFC, atuei como formadora em disciplinas da graduação, como Novas Tecnologias e Educação a Distância (optativa) e Educação a Distância (obrigatória). No Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFCE), no programa Universidade Aberta do Brasil (UAB), atuei como tutora em algumas disciplinas (Educação a Distância, 2008 e 2009; Currículos e Programas, 2010; Psicologia do Turismo, 2009; Didática Geral 2010) dos cursos de Licenciatura em Matemática e Tecnologia em Hospedagem. Ainda como tutora, tive a experiência na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em duas disciplinas no curso de especialização Docência em EaD (Organização e Prática do Aluno na EaD e História da EaD) .

Das experiências ora citadas, destaco o trabalho desenvolvido junto ao programa UAB, em razão da sua abrangência e investimentos no âmbito nacional. Aproveitando das oportunidades e potencialidades tecnológicas, o programa UAB desenvolveu um

2. Manut-Lie/Manutenção dos Laboratórios de Informática Educativa do Município de Fortaleza, apoio técnico e pedagógico aos professores do Ensino Fundamental.

conjunto de ações e articulações interinstitucionais para democratizar o acesso ao ensino superior por meio do ensino a distância. Segundo o Ministério da Educação (MEC), o programa UAB “fomenta a modalidade de educação a distância nas instituições públicas de ensino superior, bem como apóia pesquisas e metodologias inovadoras de ensino superior respaldadas em tecnologias da informação e comunicação.” (BRASIL, 2010).

Por meio do trabalho como tutora no âmbito do programa UAB realizado junto ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará (IFCE), foi possível observar alguns pontos relevantes no que diz respeito ao trabalho do tutor, não somente em relação ao meu trabalho específico, mas também em relação ao convívio com os colegas que compartilhavam problemas e soluções da prática pedagógica. No IFCE tive oportunidade de participar de formação para tutoria e me relacionar com diferentes profissionais que trouxeram significativas contribuições para refletir o papel do tutor no ensino a distância. O IFCE atua como parceiro dessa iniciativa com a Secretaria de Educação a Distância (SEED) do Ministério da Educação (MEC). O órgão responsável dentro do IFCE é a Diretoria de Educação a Distância (DEAD), que possui uma estrutura complexa, composta por uma equipe multidisciplinar para oferecer cursos a distância visando à qualidade tecnológica e pedagógica.

Com base nessas experiências, surgiu meu problema de pesquisa que tem como questão central investigar a identidade do tutor a distância. Esse profissional não possui identidade consolidada, todavia é indispensável dada a abrangência da EaD virtual na atualidade. Então, me questioneei acerca da *identidade do tutor e das questões que envolvem a emergência desse profissional no âmbito da EaD*.

Essa preocupação se justifica no momento atual em que a educação a distância (EaD) é amplamente debatida nas diversas instituições de ensino e na comunidade científica que buscam o desenvolvimento de uma EaD de qualidade. Uma iniciativa importante nesse sentido foi o último Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância (ESUD) ocorrido em São Luiz – MA, em novembro/2009 que teve como tema “Qualidade em EaD”. Nesse evento, verificou-se o empenho dos segmentos públicos e privados, em procurar soluções para os problemas e dificuldades enfrentadas no cotidiano das práticas de EaD no Brasil.

A importância da docência para um processo educativo de qualidade a distância foi destacado durante todo o evento, inclusive na fala do secretário de Educação a Distância do Ministério da Educação (SEED/MEC), Carlos Eduardo Bielschowsky. Em seu discurso, foi destacado que

[...] é fundamental que o(s) professor(es) de cada disciplina tenham um papel realmente ativo na aplicação do curso:

- i. Seleccionem e capacitem nos conteúdos os tutores presenciais e tutores a distância e mantenham estreito contato durante a oferta da disciplina.
- ii. Elaborem as avaliações e participem ativamente de sua correção.
- iii. Participem da dinâmica do curso, elaborando as atividades semanais e dinamizando a aplicação destas atividades em contato permanente com os tutores.
- iv. Acompanhem de perto o processo de tutoria presencial e a distância, em particular. Devem entrar várias vezes por semana na plataforma acompanhando o dia a dia dos cursos.
- v. Realizar reuniões presenciais no mínimo semanais com os tutores a distância e virtualmente com os tutores presenciais.
- vi. Oferecer frequentemente material complementar aos estudantes.

Verifica-se na fala do Secretário que existe uma diferenciação entre professor da disciplina e o tutor. Em sua concepção, notei que o trabalho do tutor está submetido à coordenação do professor da disciplina, mas que também trabalham em conjunto para a qualidade do ensino aprendizagem. Dessa forma, tutor e professor se complementam na docência com suas funções diferentes.

Nesse cenário, o objetivo geral desse trabalho é investigar a identidade do tutor em cursos na modalidade a distância por meio de AVE, buscando compreender as questões pedagógicas que emergem com o trabalho desse profissional no processo educativo.

Os objetivos específicos compreendem entender o conceito de tutor utilizado pelas instituições de ensino na modalidade a distância; compreender aproximações e diferenciações entre professor e tutor; identificar possíveis conflitos e/ou dificuldades vivenciados pelos tutores quando iniciam o trabalho a distância; investigar saberes necessários para atuação em ambientes virtuais de ensino e aprendizagem; investigar qual o papel do tutor para os sujeitos que vivenciam essa função.

O tema da tutoria em EaD é bem atual pelo fato da sua expansão em vários níveis de ensino, como a Universidade Aberta do Brasil (UAB), no nível superior, Escola Técnica Aberta do Brasil, no ensino técnico de nível médio, extensões e

especializações diversas para a formação docente, como nas áreas da diversidade, mídias, gestão pública, entre outros.

Todos esses programas adotam a tutoria para o acompanhamento dos alunos no ensino a distancia, portanto, a temática que envolve a identidade do tutor é ainda pouco explorada no Brasil em seus aspectos conceituais, como seu papel social, seus saberes, entre outras questões, daí a premência, relevância e necessidade de estudos na temática.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro consiste na introdução. No segundo, faço uma revisão teórica ordenada em quatro momentos. Primeiro, apresento questões que envolvem o trabalho do tutor na EaD, situando o contexto social por meio da visão de autores que buscam caracterizar a sociedade atual com suas contradições e problemáticas. Em seguida, abordo concepções de EaD, a importância de ambientes virtuais de ensino, caracterizando o *locus* de trabalho do tutor e suas funções no contexto da educação a distância.

O terceiro consiste na constituição metodológica da pesquisa, cujo objetivo é esclarecer e situar a metodologia da pesquisa de campo, caracterizar o contexto da pesquisa, o perfil dos tutores, os procedimentos de coleta de dados, de análise e de interpretação destes.

O quarto capítulo traz os resultados e discussões das entrevistas realizadas com os sujeitos, com a percepção e as representações dos tutores em relação à construção da identidade socio profissional do tutor na educação a distancia virtual. Finalizo o trabalho com as considerações finais acerca da pesquisa desenvolvida.

Busco nos próximos capítulos compreender o movimento da prática pedagógica do tutor retratando em sua dinâmica, interfaces e particularidades do trabalho docente na educação a distância.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse ponto, apresento as questões que envolvem o trabalho do tutor na EaD, situando o contexto social por meio da visão de autores que buscam caracterizar a sociedade atual com suas contradições e problemas.

Também abordo concepções de EaD, a importância de ambientes virtuais de ensino e aprendizagem e o trabalho do tutor na educação a distância, visto que, com o desenvolvimento dos ambientes virtuais de ensino a EaD tem uma expansão e o tutor é chamado a trabalhar nesse contexto.

2.1 Educação a distância na sociedade contemporânea

Para entender como a educação a distância se constitui na atualidade, é importante discutir o contexto social em que se vive. Por isso, busco nos estudos sociológicos alguns autores que possam ajudar a pensar a sociedade contemporânea. Destaco os estudos de Daniel Bell, que discute a “Sociedade pós-industrial”; a teoria da “Sociedade Programada”, de Alain Touraine e a “Sociedade em rede”, de Manuel Castells. Abordo esses autores por considerar suas teorias relevantes, trazendo por meio de abordagens diferentes uma contextualização que ajuda a refletir sociedade, tecnologia e educação.

De acordo com Daniel Bell (1973), a sociedade contemporânea passa por mudanças em sua estrutura social, mais especificamente na economia, tecnologia e sistema ocupacional. A sociedade que antes era baseada numa economia de produção de bens passa a ser primordialmente baseada na informação, no conhecimento e na prestação de serviços. Para o autor,

(...) as justificativas históricas da sociedade burguesa – nos domínios da religião e do caráter – desapareceram. A legitimidade tradicional da propriedade e do trabalho está hoje subordinada às empresas burocráticas, que podem justificar os privilégios, por serem capazes de produzir bens materiais com maior eficiência que os outros modos de produção (BELL, 1973, p. 530).

A parcela da sociedade que está estabelecendo o modo de produção vincula-se agora à inovação tecnológica e à ciência, na qual os tecnocratas e os profissionais que dominam o conhecimento técnico-científico compõem a classe que detém o poder, juntamente com os governantes. “Numa sociedade altamente técnica, os técnicos – usando-se esta palavra no sentido mais amplo, que indica os que possuem conhecimentos especializados – serão a principal fonte de inovação, em virtude de sua capacidade profissional.” (BELL, 1973, p. 532).

Nesse sentido, com as “mudanças no caráter da estrutura social”, Bell defende a criação de uma ética comunitária que permita uma coesão social que “desse conta” dessa nova configuração. O autor acentua:

(...) a sociedade pós-industrial representa o aparecimento de novas estruturas e princípios axiais: uma sociedade produtora de bens transformada em sociedade de informação, ou erudita; e, nas modalidades de conhecimento, uma mudança no eixo da abstração, que passa do empirismo ou improvisação, através do sistema de ensaio e erro, para a teoria e codificação do conhecimento teórico, com o intuito de dirigir as inovações e a formulação das linhas de ação. Todo o conjunto maciço de mudanças sociais suscita novos problemas de administração social e, nesse apêndice, procurei indicar à agenda as questões que emergem com a instalação de uma sociedade pós-industrial: as novas hierarquias das elites técnicas e a burocratização da ciência; a meritocracia e a igualdade; o ímpeto antinômio de uma cultura contrária; a sociedade comunitária e a dificuldade para um consenso. Essas coisas percorrem toda a escola da ética e dos valores até a organização política e social. (BELL, 1973, p. 538).

Ante as ideias expostas, percebo que a leitura de Bell parte da estrutura social preocupando-se com o bom funcionamento da sociedade, fundamentada na perspectiva funcionalista, por isso o autor se refere à utopia da criação de uma ética comunitária. Sua visão futurista da sociedade que teria sua estrutura influenciada pelas tecnologias e pela informação é bastante válida, tanto que hoje fala-se usualmente em “sociedade do conhecimento” para nomear a sociedade atual. Por outro lado, sua ideia de uma ética comunitária não se concretizou.

Na mesma perspectiva Alain Touraine (1971) denomina a sociedade contemporânea de “sociedade programada” ou “sociedade tecnocrata”, pois se baseia no poder da tecnocracia que perpassa todos os níveis da sociedade (político, econômico, administrativo), que se caracteriza também pelo poder dos meios de produção,

distribuição e informação; na produção do conhecimento e na vinculação das decisões políticas e econômicas. Para Touraine (1971, p.31), “Ante nuestros ojos se forma un nuevo tipo de sociedad: sociedad programada si se pretende definirla por sus medios de acción, o sociedad tecnocrática si se le da el nombre del poder que la domina.”

Sua teoria parte da análise da “classe social” para discutir as mudanças ocorridas entre a sociedade industrial e a sociedade contemporânea. Em sua concepção, a categoria “classe social” ainda é válida para compreender a sociedade atual por meio da releitura dos movimentos, situações e conflitos de classes. Sua teoria nasce em plena efervescência dos movimentos sociais que ocorreram nos anos 1960.

De acordo com Touraine (1971) a desconstrução da sociedade de classes do século XIX para a emergência da sociedade programada ou tecnocrática aconteceu pela transformação dos elementos que compõem essa sociedade, que são:

- os gêneros de vida que foram substituídos por níveis de vida na sociedade de massas;
- a noção de classe social perdeu a importância em benefício do conceito de relação de classe, considerado como elemento central na dinâmica econômica;
- a concentração do poder político é orientada para o progresso econômico, que resulta de “investimentos coletivos” e não privados, voltados para toda sociedade; e
- a separação entre os problemas administrativos e os problemas situados ao nível do poder de decisão econômica- separação entre os conflitos das organizações e os de classe, minimizando a ideia de luta de classes.

Esses elementos permitiram a definição de novas classes e conflitos sociais, que, diferentemente da classe social da sociedade do século XIX, que se definia entre proprietários e operários, em sua nova configuração, a classe dominante é a que detém a informação e dirige o conhecimento e a classe dominada é composta por aqueles que não participam das decisões sociais e não detêm o poder da informação.

A classe dominante, segundo Touraine, utiliza-se da estratégia da “opacidade” para manipular a classe dominada nas diferentes dimensões da vida social. Essa

opacidade permite que a classe dominante se aproprie dos investimentos coletivos para fins particulares, permanecendo assim no poder.

Nota-se que, assim como Bell (1973), Touraine (1971) também compreende que o domínio do conhecimento técnico-científico permite a apropriação do poder na sociedade contemporânea, mesmo partindo de perspectivas diferentes. Os tecnocratas, juntamente com os políticos, formam, assim, a classe dominante.

Partindo sua análise da revolução das tecnologias da informação e comunicação, Manuel Castells (1999) se propõe a elaborar um novo paradigma para compreensão da sociedade pós-industrial. Para o autor, essa análise se justifica, pois as tecnologias da informação e comunicação penetram todas as esferas da vida humana. Segundo ele, não se trata de uma visão determinista, pois diversos fatores intervêm na transformação social como a descoberta científica, a inovação tecnológica e outras implicações e interações. O autor argumenta que a sociedade pós-industrial possui um novo modo de desenvolvimento, denominado informacionalismo.

(...) no novo modo informacional de desenvolvimento, a fonte de produtividade acha-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. Na verdade, conhecimento e informação são elementos cruciais em todos os modos de desenvolvimento, visto que o processo produtivo sempre se baseia em algum grau de conhecimento e no processamento da informação. Contudo, o que é específico ao modo informacional de desenvolvimento é a ação de conhecimentos sobre os próprios conhecimentos como principal fonte de produtividade. (...) o processamento da informação é focalizado na melhoria da tecnologia do processamento da informação como fonte de produtividade, em um círculo virtuoso de interação entre as fontes de conhecimentos tecnológicos e aplicação da tecnologia para melhorar a geração de conhecimentos e o processamento da informação: é por isso que, voltando a moda popular, chamo esse novo modo de desenvolvimento informacional, constituído pelo surgimento de um novo paradigma tecnológico baseado na tecnologia da informação. (CASTELLS, 1999, p.54)

A expressão “Sociedade em rede” foi empregada por Manuel Castells para denominar a sociedade atual. Segundo Gussi e Wolff (2001, p. 139) Castells entende que houve uma “revolução tecnológica” com o aprimoramento das tecnologias da informação e comunicação que permitiram o desenvolvimento de uma lógica de redes no concerto global. Essa lógica de rede trouxe o advento de uma economia global com base na informática. Outro aspecto destacado foi que a sociedade atual não pode ser considerada pós-industrial, já que o processo industrial continua sendo uma característica da sociedade capitalista atual.

Gussi e Wolff (2001) fazem uma crítica em relação a essa sociedade em rede, pois ela trouxe benefícios para que as empresas se tornassem globais por meio de um mercado flexível, enquanto há precarização no trabalho e desvalorização do trabalhador. Para os autores,

Não obstante o reconhecimento do quadro devastador que a sociedade em rede implica para maioria da população mundial – os trabalhadores –, Castells, não descarta um certo otimismo, uma vez que acredita na possibilidade deste estado de coisas se alterar em prol das camadas sociais colocadas à margem desta sociedade em virtude dos oligopólios das grandes empresas em torno dos fluxos das redes informacionais. (2001, p. 146)

Corroborando com essa discussão, Robert Castel (*apud* GUSSI e WOFF, 2001) vê de forma bastante negativa as consequências da sociedade atual baseada na informatização, e na flexibilidade de mercados, entre outros aspectos que trazem danos a parcelas cada vez maiores da população, principalmente com as mudanças advindas no mercado de trabalho.

É nesse panorama que o ensino a distância surge com grande destaque na sociedade atual, principalmente no final dos anos 1980, pois com a formação da rede mundial de computadores, brotam diversas possibilidades dentro de outro espaço, um novo ambiente de interação econômica, política, social e cultural. Com a propagação de possibilidades, o vínculo computador e educação estava cada vez mais estreito.

Lévy usa o conceito de ciberespaço, para denominar a emergência de comunicação em rede, exprimindo que “o ciberespaço não é uma estrutura técnica particular de telecomunicação, mas uma forma de usar as infraestruturas, por mais imperfeitas e disparatas que possam parecer” (1999, p.124). Concordo com Lévy (1999), quando este sinaliza que não se trata somente de instrumentos tecnológicos por si, mas dos espaços de convivência e do pensamento coletivo que poderiam organizar a existência e a sociabilidade das comunidades humanas, visto que, em cada espaço, convive um tipo de entidade, um gênero de desejo, uma estrutura psíquica, territorial e afetiva, como as existentes nas relações humanas presenciais (comunidades, grupos, salas de aula).

O ciberespaço emerge em meio ao desenvolvimento tecnológico e à necessidade de velocidade e de informação que movimentam a vida contemporânea, ensejando

desconfiança e receio da comunidade educativa. Possui características diferenciadas, como o tempo e o espaço, que precisam ser ressignificados e que influenciam diretamente as práticas educativas.

2.2 Ambientes virtuais de ensino e aprendizagem: novos lugares de ensinar e aprender

É interessante situarmos a educação a distância nos ambientes virtuais de ensino e aprendizagem. Ela aconteceu da emergência do ciberespaço, o que designa não tanto os novos suportes da informação, mas as formas de criação, da navegação no conhecimento e da relação social que esse espaço permite (LÉVY,1999).

Com o surgimento da Internet, a EaD tomou um novo impulso. O que antes era feito por correspondência, rádio ou TV passa a ser mediado pelo computador conectado, possibilitando, inclusive, uma comunicação síncrona. Com sua implementação, muitas questões foram retomadas (formação continuada, planejamento, produção e disposição de material didático, metodologias) para garantir um ensino de qualidade. Nesse âmbito, mudam os espaços e tempos de ensinar e aprender. Muda a forma de organizarmos o trabalho educativo. O espaço é outro, e os AVEA surgem como possibilidade para que esse processo se articule.

Elegemos por trabalhar com a abordagem ambiente virtual de ensino e aprendizagem (AVEA) (MAZZARDO, 2004, p.10) e não apenas ambiente virtual de aprendizagem (AVA) ou ambiente virtual de ensino (AVE) pois assim evidencia o trabalho do docente no planejamento e implementação das atividades didáticas nesses ambientes. Podemos denominar os AVEA como ambientes que possuem uma interface para navegação hipertextual agregando múltiplas mídias, recursos de comunicação, síncrona e assíncrona localizados em um sítio único. Conforme Almeida (2003, p.5), esses ambientes nos “permitem integrar múltiplas mídias e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos.”

Utilizo em minhas atividades no Laboratório de Pesquisa Multimeios o TelEduc³MM (<http://teleducmm.multimeios.ufc.br>) e o Moodle⁴MM (<http://hbn.multimeios.ufc.br/moodle>). Esses são ambientes de ensino e aprendizagem a distância, pelos quais se pode realizar atividades diversas através da Internet. Uso como proposta pedagógica a plataforma Teleduc desde 2003 e Moodle a partir de 2004, como recurso didático-metodológico para disciplinas em curso de graduação e pós-graduação *lato e stricto sensu*, cursos de extensão no apoio às aulas presenciais e a distância e em projetos de pesquisa e extensão.

O acompanhamento pelo professor, em torno das atividades de aprendizagem, é essencial na aquisição do conhecimento quando mediado pelas tecnologias digitais. Assim, o professor acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem e pode intervir quando necessário. Cabe a ele mediar a aprendizagem nesses espaços. Suas ações direcionam-se no sentido de despertar a curiosidade, a dúvida, a pergunta, a investigação e a criação num ambiente em que, conforme Freire (1996), além de ensinar, o professor aprende, e o aluno, além de aprender, ensina.

Sendo assim, a educação mediada pelos AVEA acontece no respeito à diversidade, no diálogo, na autoria e na presença de um formador que tem o papel de criar as condições para que ocorra a aprendizagem, planejando, implementando, mediando quando necessário, ocasionando, assim, a interação professor aluno, o que é fundamental para obtenção de resultados positivos. Na concepção de Silva (2003, p. 56), “o professor pode tornar-se um provocador do conhecimento. Em sala de aula online, ele será formulador de problemas, proponente de situações, arquiteto de percursos, mobilizador de inteligências múltiplas e coletivas na construção do conhecimento”.

³ Plataforma de educação a distância desenvolvida pela Unicamp, para a criação, participação e administração de cursos na Web (<http://hera.nied.unicamp.br/teleduc>)

⁴ Moodle é um *software* para produzir e gerenciar atividades educacionais baseadas na Internet e/ou em redes locais. É um projeto em permanente evolução. O desenvolvimento foi começado por Martin Dougiamas, que continua conduzindo o projeto. O desígnio e o desenvolvimento de Moodle são guiados por uma filosofia particular de aprender, um modo de pensar a educação-aprendizagem conhecido como a "pedagogia do social construtivismo". (<http://www.ufrpe-seduc.org/mod/resource/view.php?id=3>)

Um dos pontos fundamentais para a elaboração do conhecimento na EaD é a comunicação e a informação em rede, uma vez que elas abrem a possibilidade de metodologias de colaboração nas práticas educativas baseadas na leitura coletiva, no diálogo e na relação intersubjetiva. É nesse espaço que o docente atua na educação a distância. Nele existe a possibilidade de utilização das práticas educativas tradicionais como frequentemente se percebe, mas há também a possibilidade de ressignificar atendendo uma educação emancipadora e crítica.

As consequências de uso dessas tecnologias são imprevisíveis, já que a cada dia novos equipamentos/produtos são inventados e aprimorados, em um processo contínuo, pressupondo uma necessidade constante de adaptação e aprendizagem de uso desses instrumentos. Recontextualizar a educação nessa realidade, analisando as mudanças ocasionadas por esse processo amplo e global, impulsionado pelo avanço das tecnologias digitais e da reorganização dos setores produtivos da sociedade, é uma necessidade. Ante tal desafio, Belloni (2003) chama a atenção para uma visão crítica da inserção das tecnologias de informação e comunicação (TICs) na educação.

Se é fundamental reconhecer a importância das TICs e a urgência de criar conhecimentos e mecanismos que possibilitem sua integração à educação, é também preciso evitar o “deslumbramento” que tende a levar ao uso mais ou menos indiscriminado da tecnologia por si em si, ou seja, mais por suas virtualidades técnicas do que por suas virtudes pedagógicas. (P.73).

Como resultado, a educação, atualmente, passa por uma transição de paradigmas, adquirindo relevo e evidência como meio para estabelecer as bases dessa sociedade que está em processo de (re) constituição. Os espaços de formação vão modificando-se e as suas estruturas adaptando-se às necessidades do contexto atual.

Com efeito, a Educação a Distância se configura como uma modalidade de ensino que tomou novo fôlego, haja vista a facilidade de comunicação e interação possibilitada pelas tecnologias digitais, aproximando professores e alunos por meio de ferramentas próprias para o ensino e aprendizagem. Juntamente com a expansão do ensino a distância por meio de AVEA, porém vieram também problemas estruturais relativos a diferentes aspectos da EaD.

O primeiro problema é a dificuldade de acesso ao computador e à conexão estável na internet. Estes são obstáculos recorrentes, uma vez que esses equipamentos são essenciais para alunos e professores que usam essa modalidade. É perceptível também o fato de que esses instrumentos ainda não estão acessíveis para estudantes de baixa renda. Como solução para esse problema, muitas instituições oferecem os polos de apoio. Mota (2008) destaca que, no modelo do programa Universidade Aberta do Brasil - UAB, “o polo é o braço operacional das instituições de ensino superior na cidade do estudante ou na mais próxima dele.” (P.301). Este possui uma estrutura de laboratório com computadores conectados, mas deve-se ter ciência de que as estruturas oferecidas nem sempre são adequadas ou substituem a necessidade de se ter o computador individual.

Outro ponto é a necessidade de formação e capacitação de professores, pois, com a ampliação de curso a distância, surge uma demanda de profissionais capacitados para atuar nesta modalidade por meio de AVEA, uma vez que muitos professores não possuem o conhecimento digital para atuar em um contexto específico que une educação e tecnologias digitais, como anota Moran (2003, s/n):

O professor on-line precisa aprender a trabalhar com tecnologias sofisticadas e tecnologias simples; com Internet de banda larga e com conexão lenta; com videoconferência multiponto e teleconferência; com softwares de gerenciamento de cursos comerciais e com softwares livres. Ele não pode acomodar-se, porque a todo momento surgem soluções novas e que podem facilitar o trabalho pedagógico com os alunos. Soluções que não podem ser aplicadas da mesma forma para cursos diferentes.

No âmbito da prática pedagógica e da formação de professores em EaD, Almeida (2005) considera que o grande desafio é que as tecnologias digitais sejam usadas pelo professor como meios para fazer reflexão sobre a própria prática pedagógica, seus conhecimentos e vivências, identificando possibilidades e dificuldades na docência presencial e/ou a distância. A prática reflexiva e investigativa precisa se tornar posição permanente, inserida numa relação analítica com a ação como parte da identidade do profissional no exercício cotidiano da profissão docente.

Outro problema que ressaltado é a baixa remuneração de profissionais que atuam em EaD; a desvalorização de seu trabalho, tanto no ensino presencial como a distância; do trabalho acarretado, que não tem a devida remuneração. Um dos parâmetros que as instituições de ensino usam para pagamento de profissionais da EaD, como os tutores, é

o sistema de bolsas fomentado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)⁵. Na sua proposta, especificamente no programa UAB, a remuneração do tutor é de R\$ 600,00 (seiscentos reais) para atuar em uma disciplina acompanhando 30 alunos por turma e não existe nenhum vínculo desse profissional com as instituições que prestam o serviço. Há um debate em aberto sobre a precarização do trabalho docente vinculada ao uso das tecnologias digitais.

Essas questões (dificuldade de acesso à internet, falta de capacitação e baixa remuneração de profissionais, entre outras) apontam para uma realidade complexa e difícil para os sujeitos que aprendem e ensinam no contexto da EaD. Essa realidade reforça a crítica feita por Gussi e Wolff (2001) sobre os problemas da sociedade em rede defendida por Castells, que não podemos deixar de evidenciar. Se por um lado se busca o benefício de ampliar o acesso à educação formal no Brasil, também traz danos para o trabalho do professor, principalmente ao associar a educação massificadora, que se preocupa com quantidade de alunos atendidos sem focar a qualidade do ensino muitas vezes observadas em programas e políticas públicas.

Percebe-se, nos discursos oficiais das instituições que oferecem EaD, a necessidade de promover a democratização do ensino e acesso a níveis de escolarização mais elevados para regiões afastadas de centros urbanos com o uso de tecnologias digitais. Embora haja proposta trazendo relevantes itens a possíveis soluções, ficam claros os problemas enfrentados pelas instituições, alunos e professores que vivem concretamente a EaD nos dias atuais.

Belloni (2003) corrobora essa discussão, apresentando intensa crítica em relação à EaD, como modalidade de ensino que por muito tempo foi baseada em uma perspectiva fordista, tendo como características principais “racionalização, divisão acentuada do trabalho, alto controle dos processos de trabalho, produção em massa de ‘pacotes educacionais’, concentração e centralização da produção, burocratização”. (P. 18). Segundo o quadro teórico apresentado pela autora, esse modelo trouxe uma

⁵ Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) é uma autarquia do Ministério da Educação (MEC) que tem como missão prover recursos e executar ações para o desenvolvimento da educação, visando a garantir ensino de qualidade a todos os brasileiros. <http://www.fnde.gov.br/index.php/inst-missao-e-objetivos>

precarização da educação nessa modalidade, pois houve uma “desqualificação dos quadros acadêmicos e técnicos das instituições (‘alienados’ em processos de trabalho fragmentados e estandardizados), desumanização do ensino com a mediatização e burocratização dos processos de ensino e aprendizagem” (P.18). Consoante a autora, além dessa precarização do trabalho, o modelo de EaD baseado nesse paradigma esgotou em razão da sua inadequabilidade às novas necessidades criadas por meio das transformações econômicas e tecnológicas.

A educação a distância continua sendo influenciada por perspectivas econômicas. O pós-fordismo traz características como responsabilização do trabalho, flexibilidade, unidade de produção de menor porte e mercados segmentados. Na perspectiva de Campion (1993, p.194 *apud* BELLONI, 2003),

[...] um modelo pós-fordista de EAD teria que ser descentralizado e conservar a integração entre os diferentes modos de estudo (convencional e a distância). A equipe acadêmica deveria manter o controle e autonomia com relação a seus cursos e assim poder ajustar rapidamente currículos e métodos, atendendo as necessidades cambiantes dos estudantes.

As mudanças trazidas pelas propostas pós-fordistas não apresentam nenhuma melhoria qualitativa em relação à EaD. Muito pelo contrário, reinventam novas formas de precarização disfarçadas em discursos de flexibilização e autonomia. Nesta proposta, não posso deixar de considerar a importância da tecnologia na sociedade contemporânea e de lembrar de ter uma leitura crítica acerca desses processos em andamento, os quais trazem consequências para diferentes aspectos da vida social. Em relação ao trabalho de forma geral, Belloni (2003, p.24) destaca que,

Neste quadro de possibilidades, como num passe de mágica, o desemprego estrutural e o enfraquecimento do peso relativo ao fator trabalho, elementos essenciais do capitalismo tardio, e as políticas que os favorecem, são deslocadas da esfera pública para a esfera privada, individual.

Nos autores visitados nesse item, percebemos que a sociedade contemporânea está sendo formada não permitindo a compreensão de muitos de seus fenômenos como as consequências dos usos das tecnologias nos diversos âmbitos da vida social, condições do mundo do trabalho, as relações sociais e de classes entre outras questões. Assim, a EaD precisa ser repensada nesse aspecto por meio de uma visão crítica e contextualizada, pois a relação educação e tecnologia está permeada por questões

políticas e sociais em que a tecnologia não é neutra, visto que sua inserção nos processos ensino e aprendizagem traz consequências para os objetivos e finalidades da educação. Pensando nessa problemática, destaco no item seguinte as questões que envolvem as concepções de EAD.

2.3 Concepções de educação a distância

Os rumos da educação, em uma sociedade interconectada por tecnologias digitais, são debatidos mediante discussões e reflexões advindas da expansão nos últimos anos da educação a distância. Projetos e programas de educação a distância (EaD), atrelados ao incremento e possibilidades das tecnologias digitais, vêm sendo apresentados como forma de lidar com problemas de política educacional e de integrar alunos e instituições de ensino à sociedade em rede.

Entendida como uma modalidade de educação suplementar, ao complementar a educação presencial, e outras vezes tomada como uma modalidade alternativa, ao opor-se à educação convencional, atribui-se à EaD o preenchimento das lacunas do ensino-aprendizagem que as atividades presenciais não dão conta, constituindo-se também numa resposta ao desafio da inclusão socio digital e da formação continuada (SALDANHA, 2008). Relativizando, para não me deixar ser levada por um otimismo exagerado ou recusa extremada das possibilidades da EaD, é preciso de algum modo manter tom crítico sobre tal questão, não buscando um meio-termo nem mesmo um simples sinal positivo ou negativo para qualificar a EaD. Um dos caminhos para realizar tal tarefa pode ser encontrado na análise de algumas concepções de EaD.

Conceituar educação a distância é algo hipotético, visto que as constantes mudanças e inovações tecnológicas e suas implicações na dinâmica dos processos educacionais fazem com que se adquira certa cautela na tentativa de definir tal modalidade de educação. As possibilidades de adesão às tecnologias e a incerteza quanto às implicações das rápidas e contínuas transformações facilmente vislumbradas no campo da EaD levam alguns a sugerir, até mesmo, o abandono do esforço de se propor uma definição de educação a distância. Não parece, entretanto, despropositado

revisitar algumas tentativas de conceituação de EaD, a fim de se verificar a pertinência da discussão sobre as concepções de tal modalidade educacional no momento atual.

Identifico uma vasta literatura em torno do conceito de educação a distância. Moran (1999) define educação a distância como processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias em que professores e alunos ficam separados espacial e/ou temporalmente, mas podem estar conectados, interligados por tecnologias, como internet, correio, televisão, rádio e outras tecnologias semelhantes.

Para Belloni (2003, p.34) a forma adequada para se falar em educação a distância é aprendizagem aberta e a distância (AAD). Esclarece que esta expressão vem sendo a mais utilizada desde os anos 1990, conforme recomendação da União Européia. Tal denominação é considerada a mais coerente com as transformações sociais, econômicas e da educação atual, por englobar diferentes formas e regimes de EaD, que se caracterizam pela flexibilidade, abertura dos sistemas de ensino e de aprendizagem, prevendo a autonomia, a interação do estudante e a construção de conhecimentos no processo educativo.

Na legislação brasileira, o artigo 1º do Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005, determina que EaD “caracteriza-se como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.” (BRASIL. MEC/SEED, 2005). Conforme esse disposto, a EaD possibilita a educação, o ensino, a auto aprendizagem, por meio de recursos didáticos, pedagógicos e tecnológicos organizados com atividades a serem desenvolvidas por docentes e discentes separados fisicamente em qualquer tempo e espaço.

Desse modo, Moran e Belloni explicitam em seus conceitos as possibilidades de interação de pares, a comunicação, a socialização, o diálogo e a interatividade os envolvidos no processo educativo mediatizado pelas tecnologias digitais. A EaD surge como elemento educativo e formativo, como oportunidade de criação de relações, de estímulo à criatividade, à reflexividade, ao diálogo, à continuidade da formação e a promoção de rupturas no sistema educacional vigente.

Ao se considerar a história da EaD, revisitando os cursos por correspondência (impresso), passando pelo uso do rádio (áudio) e da televisão (vídeo) e chegando ao emprego das tecnologias digitais, é fácil perceber que não há um traço de linearidade de uso das tecnologias, em que um meio de comunicação se sobrepõe a outro. Nota-se, porém, ao contrário, a convivência entre as diversas mídias, pois atualmente o impresso convive com os ambientes virtuais, e o áudio e o vídeo (características dos veículos rádio e televisão) estão presentes nesses ambientes.

Outra característica que se identifica como traço distintivo na EaD é a mediatização das relações entre os docentes e os discentes. Seja o material impresso que chegava ao aluno pelo correio convencional, seja o conteúdo da disciplina e a orientação pedagógica que hoje são acessados pela internet. Tudo isso confirma a presença de alguma mediatização no ensino.

Esse uso inédito de um conjunto de mídias nas relações entre docente e discente, desdobrando-se em novas relações com o conhecimento, aponta para outra marca da EaD, que constitui, por sua vez, uma concepção de educação a distância baseada na ideia de auto aprendizagem ou de autonomia. Tal concepção é centrada no “sujeito aprendente, considerado como um indivíduo autônomo, capaz de gerir seu próprio processo de aprendizagem” (BELLONI,1999).

É preciso assumir a noção de que a EaD não se resume a uma nova metodologia ou à aplicação das tecnologias digitais na educação, mantendo-se deslocada do contexto histórico e social. Os educadores que participam da EaD não devem estar alheios a questões teóricas importantes e ao amplo debate sobre as políticas de educação, mesmo que tenham de defrontar críticas radicais e pesadas. Fazem-se pertinentes uma atitude crítica e criativa, uma abertura às possibilidades das mediatizações e, também, um constante exercício de reflexão crítica que considere as contribuições teóricas do campo educacional. Assim como a realidade educacional é marcada pela complexidade e por conflitos, a aproximação teórica dessa realidade, em especial no tocante à educação a distância, deve preservar a tensão dialética entre as determinações socioeconômicas presentes nessa modalidade e as aberturas para uma formação emancipadora forjadas em algumas práticas pedagógicas na EaD.

Por fim, no tocante as questões em EaD, não se pode deixar de destacar o lugar da tecnologia nessa discussão. Para tanto, busco situar minha concepção pensando no texto “Educação a distância via WEB: por uma tecnopedagogia?” das Professoras Cassandra Ribeiro Oliveira e Silva e Elizabeth Mattos Rocha (2009, p.3)

Para uma prática exitosa da EAD é preciso deixar claro três questões para sua compreensão. A primeira é que se trata de uma modalidade de educação que por sua natureza depende de algum tipo de tecnologia que favoreça a troca de informações e interação entre professor e aluno. Isso é fácil de entender, pois um curso em EAD acontece essencialmente com professores e alunos situados em espaços e interagindo em tempos distintos. Isso implica necessariamente o uso do recurso tecnológico de comunicação. (...) A terceira é que qualquer que seja a modalidade de Educação há a necessidade de uma pedagogia que a embase. Considerando que na EAD há uma dependência tecnológica, e, por se tratar de Educação, necessita de um aporte pedagógico, não há como dissociar pedagogia e tecnologia, daí a pedagogia da EAD advir uma tecnopedagogia!

Para as autoras, o cerne da questão não é o uso da tecnologia por si como instrumento potencialmente avançado ao ensino e à aprendizagem, mas é desenvolver a melhor forma de uso dessa tecnologia, em termos pedagógicos. Concordo com a ideia de que as tecnologias digitais são mais um recurso agregado a educação.

Nesse sentido adotamos a seguinte concepção de EaD “A Educação a Distância é entendida como um processo de formação humana que se organiza e se desenvolve metodologicamente diferente do modelo presencial, no que concerne à ocupação do tempo e do espaço.” (PINHEIRO, PINHEIRO, BATISTA, YOUNG, BORGES NETO, 2006)

2.4 O trabalho do tutor na educação a distância

Refletir sobre a identidade do tutor em EaD implica entendê-la sob o ponto de vista do trabalho docente e abordá-la sob a perspectiva da docência, como atividade educativa, “uma forma de trabalho, uma atividade técnica, produtiva, socialmente útil e transformadora, que promove o homem como ser social.” (PIMENTA, 1994, p.83).

É importante também entender que a identidade profissional não sucede de forma pronta e acabada, quando se assume uma atividade, mas é uma conquista que ocorre de forma processual no contexto individual e social.

Durante muito tempo, entendia-se o homem como ser dotado de uma “essência” que precisa ser alcançada, que lhe daria uma identidade fixa e imutável. Havia também

a concepção de uma “natureza humana” que também trazia a ideia da identidade fixa. Essa visão de natureza e de essência humana, no entanto foi confrontada por meio de estudos nas áreas da Sociologia, Antropologia, Psicologia Social, que entendem a identidade como uma elaboração que se desenvolve durante toda a vida e experiência humana, em todas as fases e não somente na adolescência (YOUNG, 2008).

Assim, a identidade profissional também se insere nessa discussão, pois as mudanças estruturais e sociais influenciam a identidade profissional dos professores que atuam no contexto contemporâneo.

A identidade profissional é, portanto, parte da identidade pessoal total, e pode ser compreendida como “a autopercepção, ao longo do tempo, em termos de papéis ocupacionais” (Bohoslavsky, 1987, p. 55). Da mesma forma que a identidade pessoal, a formação da identidade profissional deve ser entendida numa contínua interação entre fatores internos e externos ao indivíduo. (TERÊNCIO E SOARES, p. 2003, p. 141).

A introdução progressiva das tecnologias digitais de comunicação e informação na educação e EaD produzem mudanças nas especificidades da docência, que passam por alterações significativas da prática docente, tanto na presencial como na modalidade a distância. Pesquisas de Pallof e Pratt (2002) e outros indicam que a docência na modalidade a distância é definida como espaço ressignificado de trabalho para o professor na educação presencial, uma vez que muitos docentes assumem também o papel e funções do professor em EaD; entretanto, “quando o lecionar e o aprender deixam a sala de aula convencional” (IBID.,40) muitas das práticas docentes precisam ser adaptadas ou transformadas para os contextos vigentes. Cabe ao professor assumir outras posições, orientar os estudantes ao longo do processo, mediar, participar da discussão, instigar os discentes a refletir acerca do material disponibilizado, entre outras providências. Ainda se precisa dar o apoio necessário para que os alunos se sintam à vontade com a tecnologia disponível, definindo com o grupo o contrato didático.

Os autores verificam que a prática pedagógica na EaD se tornou uma extensão da docência - experiências, conhecimentos, saberes docentes e as atribuições assumidas pelo professor na educação presencial tornam-se referências para aquele que se propõe atuar também como tutor na modalidade a distância. Na EaD, as atribuições que constituem a prática docente na tutoria transitam de forma inseparável e entrelaçada entre as diversas tarefas e papéis exigidos pelo tutor.

A prática pedagógica em EaD, segundo classificação de Collins e Berge (1996), abrange atividades docentes nas dimensões *pedagógica, social, gerencial e técnica*.

Para as autoras, a *dimensão pedagógica* da prática privilegia as funções do tutor como mediador pedagógico, que focaliza as discussões em conceitos, habilidades e princípios críticos. A *dimensão social* reporta-se às funções de estabelecimento de um ambiente social amigável por meio da promoção de relações humanas, da valorização da participação dos alunos, do desenvolvimento do senso de coesão de grupo, do incentivo ao trabalho colaborativo, entre outros aspectos. A *dimensão gerencial*, no entanto, envolve funções de planejamento e execução do programa e do ritmo da aula virtual. Na *dimensão técnica*, as autoras destacam a importância do tutor sentir-se confortável e à vontade com a tecnologia utilizada e fazer com que os estudantes se sintam da mesma forma; com efeito, as funções do tutor requerem o conhecimento e o domínio das tecnologias digitais adotadas.

A partir das ideias de Pallof e Pratt (2002) e Collins e Berge (1996) entendemos que função do tutor na EaD emergiu no debate educativo com advento das tecnologias digitais. Não há ainda um consenso sobre a identidade desse profissional. Ele é o responsável por apoiar, orientar, mediar o ensino/aprendizagem. Pelas singularidades e características ainda não estabelecidas no contexto da modalidade a distância, são diversificadas as funções do profissional tutor, além de indefinidos também seu papel, atribuições e formação acadêmica. Dessa forma, é importante fazer um resgate desse termo, verificar algumas práticas que estão sendo desenvolvidas em instituições atuantes nessa modalidade de ensino e discutidas por alguns autores.

Na semântica, tutor significa: “aquele que, por disposição testamentária ou por decisão do juiz, está encarregado de uma tutela ou tutoria. O que protege, ampara ou dirige; defensor.” (MICHAELIS dicionário online, 2010), “(...) Aluno designado como professor de outros alunos, e formas alternativas de ensino”. (BABILON dicionário eletrônico, 2007). Esta compreensão de tutor também existia nas escolas jesuíticas.

No século XV, a Universidade de Oxford (Inglaterra) desenvolveu uma forma de orientação de caráter religioso aos estudantes, com o objetivo de lhes “infundir a fé e a conduta moral”. Adotou a figura do tutor, um agregado à universidade que tinha a função de assistir alunos individualmente em questões gerais, a fim de integrá-los à vida acadêmica (PETERS, 2001, p.58). A denominação, o papel e a função do tutor não se

relacionavam com a docência ou com a figura de alguém responsável pelo o ensino formal.

Na década de 1970, o conceito de tutor foi sendo associado à imagem de alguém que “dirigia, orientava, apoiava a aprendizagem dos alunos, mas não ensinava” (MAGGIO, 2001, p.95). A tarefa do tutor consistia em assegurar o cumprimento dos objetivos, oferecendo apoio que, da perspectiva do programa, incorporava mais um acompanhamento funcional, voltado para o controle e ajuste dos processos. Na década de 1980, a autora aponta que esta condição foi substituída por perspectivas pedagógicas voltadas para o apoio à construção de conhecimento, em que o docente propõe atividades para reflexão, resolução de problemas, fontes de informação alternativa, “isto é, guia, orienta, apóia e nisso consiste seu ensino.” (IBID). Nos anos 1990, a compreensão e o aprofundamento das formas de como se conhece e aprende favoreceram práticas de ensino na tutoria que enfocam: o ser reflexivo e dinâmico; os conhecimentos prévios e as influências dos aspectos culturais, cognitivos individuais e compartilhados na aprendizagem, entre outros princípios. Para tanto, é fundamental garantir uma formação que transcenda apenas a capacitação docente e implique o desenvolvimento de saberes, considerando a trajetória histórica da função de tutoria do próprio tutor.

Nessa discussão, Emerenciano et al (2001) defendem a ideia de que a denominação e o conceito do profissional formador estão entrelaçados no desenho do curso e irão exigir, direta e indiretamente, procedimentos, conhecimentos e competências profissionais que diferem entre si nas diversas situações de ensino em EaD virtual. Ainda interferem nas próprias possibilidades de busca do desenvolvimento pessoal e profissional docente, como um educador, um professor e um tutor na educação presencial e na educação a distância virtual. Daí alegam a necessidade de superar a ideia de tutor como aquele que “ampara, protege, defende, dirige ou que tutela alguém”, assim como a sua atuação nos moldes tradicionais de educação. Cabe, ao contrário, focalizar de forma reflexiva e consciente o significado de ser professor, tutor e educador na educação a distância virtual.

Em artigo referente aos compromissos e atribuições dos professores a distância, García Aretio (2003) explica que, entre autores e instituições de EaD, não há consenso quanto às várias dimensões que envolvem o papel e função docentes em um sistema educativo não presencial. Desse modo, explicita-se uma indefinição desde a

denominação deste profissional, ao seu conceito, passando pelas concepções, papel e práticas que normalmente são assumidas pelo tutor. Tal sujeito é chamado indistintamente de tutor, mediador pedagógico, assessor, facilitador, conselheiro, orientador, consultor, instrutor, moderador, formador, entre outros, caracterizando uma relação com as funções que desempenha. Cada terminologia expressa um conceito, que, por sua vez, tem um significado e uma demanda; assim, as denominações que esse recebe variam em virtude da concepção de EaD que envolve o programa no qual este profissional atua.

No projeto “On-line cidadão”,⁶ o tutor é qualquer usuário com maior habilidade e conhecimento da ferramenta tecnológica de acesso à internet. É chamado tutor de conteúdo digital. Ele é responsável pela aplicação da metodologia de aprendizagem e pelo controle dos resultados educacionais.

Para Belloni (1999, p.83), o tutor tem a mesma função de um professor, pois este “orienta o aluno em seus estudos relativos à disciplina pela qual é responsável, esclarece dúvidas e explica questões relativas aos conteúdos da disciplina; em geral participa das atividades de avaliação.” Para essa autora, o termo a ser utilizado é professor-tutor.

Nessa mesma linha de pensamento, Bentes (2008, p.166) entende a função desse profissional como sendo ele

O agente motivador/orientador que irá acompanhar e avaliar o aprendizado do aluno durante todo o processo. Poderá ser também o professor especialista, também conhecido como professor conteudista, que produziu o conteúdo assegurando e facilitando o retorno da qualidade do material didático, ou terá de alimentar o professor tutor com seu material, no caso de possíveis correções e atualizações. Ocorre uma parceria entre professor tutor, que deve ser especialista na área e ter pleno domínio do conteúdo estudado pelo aluno, e o professor especialista.

Assemelhando-se às funções do tutor destacadas por Belloni (2003) e Bentes (2008), Pretti (2003) apresenta modelos de tutoria desenvolvidos na Open University (OU) da Inglaterra, e na Télé-Université du Québec. Na OU (PRETTI, 2003, s/n), algumas funções do tutor são:

⁶ Projeto de quiosques para inclusão digital, desenhado por Guerreiro e implantado no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) na cidade de São Paulo, visando a difundir a cultura e a educação digital ao cidadão em situação de risco social de exclusão digital no Brasil.

- ver o que o estudante realizou por ele mesmo numa determinada disciplina, assegurando-se que compreendeu e pode argumentar o que escreveu;
- clarear as dúvidas, corrigir e ampliar a compreensão e informação do estudante, mediante o diálogo e a realização de exercícios práticos;
- animar o estudante a fazer outras leituras e a realizar trabalhos práticos que lhe facilitem a compreensão dos conteúdos teóricos;
- assessorar sobre os conteúdos e os enfoques em que o estudante deverá trabalhar durante a semana e que deverão ser apresentados na sessão tutorial seguinte;
- realizar função avaliativa formativa permanente, comprovando os avanços do estudante e suas dificuldades durante o processo de aprendizagem.

O outro modelo destacado por Pretti foi o Télé-Université du Québec que, em sua concepção, o tutor tem as funções centrais de

- aconselhar o estudante sobre seu método de trabalho ou sobre a organização e o planejamento de sua caminhada de aprendizagem;
- ajudar o estudante a ele mesmo solucionar os problemas de compreensão do conteúdo, aconselhando, orientando e levando-o a refletir;
- oferecer o suporte necessário sobre os procedimentos administrativos do curso e o funcionamento do mesmo;
- motivar, encorajar e sustentar o estudante ao longo de sua caminhada de aprendizagem. (PRETTI, 2003, s/n).

Essas atribuições exigem dos professores saberes docentes para o desenvolvimento de uma prática educativa de qualidade, abrangendo os conhecimentos já legitimados socialmente, como os saberes disciplinares (específicos das áreas de conhecimento); saberes experienciais (da prática), saberes de formação (pedagógicos), saberes curriculares, conforme defende Tardiff (2002). Também os conhecimentos e o domínio das tecnologias são utilizados como suporte na educação a distância virtual e os saberes sobre as especificidades dessa modalidade de ensino.

Compreendemos que há uma desvalorização da função do tutor diante da sua função dentro do contexto da educação a distância por meio digitais. Essa desvalorização inicia pelo próprio termo utilizado para denominar esse profissional “tutor”, evocando a ideia da pessoa que “direciona” a outra. Segundo Souza, *et. al*,

Por outro lado, a etimologia da palavra tutor traz implícito o termo tutela, proteção, tão comum no campo jurídico. A defesa de uma pessoa menor ou necessitada. Apropriada pelo sistema de Educação a Distância, (SÁ, 1998), tutor passou a ser visto como um orientador da aprendizagem do aluno solitário e isolado que, freqüentemente, necessita do docente ou de um orientador para indicar o que mais lhe convém em cada circunstância. Pode-se admitir plenamente que o Professor-Tutor seja denominado em outros sistemas similares como orientador acadêmico ou até facilitador. (2005, p.6).

Nessa visão, há uma instrumentalização do papel do “tutor”, aproximando novamente a educação a distância das teorias econômicas propostas por Belloni (2003). Para que o professor possa atender a uma grande quantidade de alunos com uma remuneração muito baixa, há uma diferenciação entre “tutor” e “professor”, já que o tutor atenderia uma “massa” de estudantes possibilitada pela inserção das tecnologias digitais que, através de suas ferramentas, aproxima professores e alunos. Essa realidade, se não vista criticamente, pode trazer uma precarização do trabalho docente na EaD, conforme denunciado por Gussi e Wolff (2001) na sociedade em rede.

Surgem por conseguinte, questionamentos sobre as condições de trabalho desse profissional na “sociedade da informação”, tais como: por que o tutor não é chamado de professor se ele desempenha a prática docente? Tutoria trata-se de uma nova função dentro das atividades educativas por meio das tecnologias digitais? O professor na educação virtual emancipa ou precariza sua identidade? Para problematizar essas questões recorro à literatura de autores clássicos sobre o trabalho e saber docentes.

Há um sentimento de que tanto as políticas educacionais quanto a própria sociedade não valorizam o professor, ao mesmo tempo em que o encarregam de novas tarefas. Nesse ponto, procuro aprofundar o conhecimento sobre a natureza dos saberes e sua função na ação docente na EaD. À luz de abordagens que o concebem como prática situada, contextualizada, o trabalho docente revela-se fruto do processo que envolve múltiplos saberes originários da formação, da área disciplinar, do currículo, da experiência, da prática social e da cultura, além de outros aspectos. Trata-se de uma atividade regida por uma racionalidade prática que se apoia em valores, teorias, experiências e elementos contextuais para justificar as tomadas de decisão na gestão do fazer pedagógico (THERRIEN; THERRIEN, 2000).

Pressuponho, de início, que essa discussão apresentada por Therrien e Therrien (2000) abrange a modalidade de educação a distância apesar de os autores em suas pesquisas se direcionarem ao campo da educação presencial, hoje vista que a EaD como modalidade (modo de ser específico) tem seus fundamentos nas teorias da educação, pois, acima de tudo, educação a distância é *educação*. Os saberes apontados pelos autores fazem parte da prática do professor que atua na EaD, como: saberes disciplinares, curriculares, de experiência, entre outros.

Contextualizando a discussão no âmbito da EaD, Borges Neto & Oliveira (2002) destacam quatro características imprescindíveis para o professor que trabalha com tecnologias digitais. A primeira consiste nos *conhecimentos em educação* (didática, metodologia, planejamento de ensino e avaliação), *domínio tecnológico* (conhecer e saber utilizar o computador), *especificidade de formação* (domínio específico por disciplina de ensino, ou em educação infantil e fundamental, ou em educação de pessoas com necessidades especiais) e *transposição didática* (produção do conhecimento até sua transformação em prática escolar).

Como o saber docente é uma noção passível de abordagem sob vários ângulos, sem consenso claro na literatura, privilegio a compreensão do saber na sua relação com o docente como sujeito de práticas, o que permite destacar a dimensão do fazer, da experiência, da ação, enfim, de uma prática social, crítica e reflexiva. Por isso, atribuo ao conceito de conhecimento uma compreensão mais ampla e abstrata referente a uma apreensão simbólica da realidade, incluindo a cultura em todas as suas dimensões.

Partindo de uma tipologia proposta por Tardif e Lessard (1991), identifico inicialmente as facetas do saber docente nas dimensões dos saberes disciplinares e curriculares, do saber de formação pedagógica, do saber da experiência profissional e dos saberes da cultura e do mundo vivido na prática social. São saberes múltiplos que, embora possam ser identificados de modo fragmentado, na prática, são articulados pelo docente nos contextos e nas situações dos processos de ensino-aprendizagem, nas quais impera a complexidade, seja no ensino presencial ou a distância. É neste momento que o professor imprime a marca de sua identidade.

Assim, dirijo aos saberes de experiência um espaço privilegiado no trabalho docente por serem elaborados no cotidiano da profissão, “formando um conjunto de representações a partir das quais os docentes interpretam, compreendem e orientam” sua ação docente (TARDIF e LESSARD, 1991. p. 215). São saberes de natureza dinâmica e interativa, reflexos da pluralidade constitutiva do saber docente, que tem a marca tanto do indivíduo quanto do coletivo ao qual este pertence, destacando-se a heterogeneidade e a “dialeiticidade” dos elementos que os constituem, bem como seus modos próprios de legitimação (TERRIEN, 1997). Formados nos processos de reflexão no desenrolar da atividade docente, resultam de julgamentos e decisões em momentos de intervenções pedagógicas.

O docente, portanto, deve ser abordado na sua tripla relação com o saber: como sujeito que domina saberes, que transforma esses mesmos saberes e, ao mesmo tempo, precisa manter a dimensão ética destes. Em outras palavras, de um lado, atua com uma pluralidade de saberes já definidos e produzidos por outros, e que constitui parte insubstituível do repertório de informações de que deve dispor para o exercício de sua profissão.

Por outro lado, o desafio da transposição em situações reais da prática pedagógica o obriga a produzir saberes quando articula adequada e criativamente seu reservatório de conhecimentos em um determinado contexto de interação com outros sujeitos alunos. Essa capacidade de retraduzir e transformar os saberes produzidos cientificamente na experiência reflexiva do cotidiano da sala de aula situa o docente na categoria de sujeito epistêmico. Como terceiro elemento dessa tripla relação está a dimensão ética dessa prática, indissociável do trabalho docente e constitutiva da essência de sua produção estética do saber.

O contexto de interação docente/discente na sala de aula (presencial ou virtual) envolve, além dos saberes aos quais me referi, fenômenos tais como a complexidade, a incerteza, a instabilidade da situação, a singularidade da situação, conflitos de valores, entre outros. As direções dadas ao ensino-aprendizagem pelo docente situam-se em um patamar ético porque envolvem decisões de teor político-ideológico suscetíveis de afetar as concepções de vida e de mundo do aluno. A última relação atribuí ao trabalho docente sua característica eminentemente profissional.

É com suporte nesse repertório que os professores produzem, a todo o momento, novas articulações de saberes para fundamentar suas decisões de ação junto aos discentes. Em última instância, essa noção se aproxima da ideia de saber de experiência docente, à medida que integra a totalidade de saberes e conhecimentos retraduzidos e incorporados por este ao seu repertório privado de saberes, disponíveis e manifestos publicamente na sua práxis pedagógica.

Uma concepção de saber fundada na práxis, ou seja, como produto da reflexão sobre a ação e expressão da relação teoria e prática, destaca a essência reflexiva do sujeito da ação e, portanto, a racionalidade prática que o move. O trabalho docente pode ser abordado como uma prática fundada de saberes, os quais refletem uma identidade

profissional, que é produto de uma racionalidade prática (manifesta em argumentos diversos e fundados em princípios éticos de decisão de ação).

Por meio das definições e funções propostas pelos autores sobre o tutor, resta claro que a função desse profissional se caracteriza como trabalho docente, pois suas atribuições envolvem a mediação do conteúdo; acompanhamento dos alunos; avaliação da aprendizagem; enfim, todas as ações que são desenvolvidas pelo professor durante o processo educativo.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Nesse capítulo, exibo os pressupostos metodológicos, que orientaram a pesquisa, bem como os caminhos percorridos na escolha dos instrumentos de coleta de dados, os sujeitos investigados, as abordagens utilizadas na interpretação e nos instrumentos das informações coletadas.

A pesquisa apoiou-se em orientações na abordagem de natureza qualitativa, com objetivos exploratórios e descritivos. A escolha dessa forma de abordagem, de predominância qualitativa, decorre do fato de que a temática e o campo da pesquisa investigados, por meio dessa concepção metodológica, enseja a valorização do ser humano; ou seja, pensar pesquisa qualitativa é refletir nos sujeitos que a compõem, com suas especificidades e diversidade, é ver-se como pesquisador, como sujeito ativo e participativo dos diversos momentos que permearam o percurso da investigação, respeitando o contexto histórico em que estão inseridas as informações e os sujeitos envolvidos. Entendo ainda, que o enfoque qualitativo permite ao pesquisador fazer a indagação, a interpretação e a compreensão do significado das representações que os indivíduos atribuem às próprias ações.

Segundo Borgdan e Bilklen (1994), a abordagem qualitativa caracteriza-se por ter o ambiente natural como fonte direta de dados, por interessar-se mais pelo processo do que pelos resultados, a qual tende a analisar os dados de forma indutiva e dar importância aos significados formulados pelos sujeitos, destacando a complexidade do objeto, ao permitir que seus objetivos descrevam realidades múltiplas. A pesquisa qualitativa de *per se* é técnica ou pesquisa exploratória, não estruturada, informal, na qual os participantes geralmente não limitam suas respostas, nem as enquadram em categorias de respostas preconcebidas. As respostas são verbais e não numéricas, e os entrevistados respondem às perguntas com próprias palavras, externando ideias e opiniões.

A entrevista foi o instrumento de coleta de dados. Esta constitui interação social, em que o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, mediante um roteiro contendo tópicos em torno de um problema central (HAGUETTE,1995).

Para Minayo (1994), a entrevista privilegia a obtenção de informações por meio da fala individual, a qual revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos, e transmite, através de um porta-voz, representações de determinados grupos. Optei pela entrevista semiestruturada, na qual o informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, com origem no foco principal proposto pelo pesquisador; ao mesmo tempo que permite respostas livres e espontâneas do informante, valoriza também a atuação do entrevistador. Como instrumento de coleta de dados para esta investigação, deu-me base para reflexões, questionamentos e diferentes formas de entendimento do contexto em estudo. Além disso, possibilitou a interpretação de um quadro, que favoreceu o entendimento da atuação e da prática, crenças, valores, cada vez mais próximos da realidade estudada.

Considero também que essa técnica possibilitou conhecer a perspectiva dos tutores quanto ao trabalho realizado. As entrevistas traduzem a representação dos tutores sobre o seu trabalho e, dessa forma, são sempre uma aproximação do concreto vivido.

Busquei no campo da discussão epistemológica a compreensão da identidade do tutor, levando em conta as seguintes variáveis analíticas: saberes docentes; visão do tutor pela instituição; visão do tutor pelo próprio tutor; visão do tutor pelos alunos; formação profissional; e condições de trabalho (financeira, estrutura física, reconhecimento social).

Para a realização desta pesquisa, tomei em consideração as sugestões de André (1995), que propõe a organização e o desenvolvimento do estudo em três etapas ou estádios de realização. A primeira constitui a determinação do que e onde pesquisar, definindo-se como foco do estudo a identidade socio profissional do tutor em EaD virtual. Delimitei o problema com arrimo na questão: *qual a identidade do tutor e quais as questões que envolvem a emergência desse profissional no âmbito da EaD por meio de AVEA?*

Após estudos iniciais da literatura relacionada ao tema e sobre o contexto a ser estudado, foi revisitado e reestruturado o projeto de pesquisa. Durante minha trajetória acadêmica e profissional que assim se delineia, foi-se estabelecendo contato com diversos profissionais atuantes nessa área de estudo que envolve a educação a distância.

A aproximação com esse público estreitou meu caminho para o contato e a seleção dos tutores a serem entrevistados. Esses sujeitos foram selecionados com base numa relação por mim criada, levando em conta alguns critérios. De uma lista de 18 tutores, escolhi seis, conforme os seguintes critérios: tutor em atividade, disponibilidade e acessibilidade para participar da entrevista, experiência de pelo menos um ano na tutoria em educação a distância por meio de ambientes virtuais.

No momento de agendar a entrevista, explicava a sua finalidade e que seu conteúdo seria acerca das atividades realizadas pelo entrevistado sobre o tema de pesquisa em desenvolvimento por mim. Após os sujeitos tomarem conhecimento dos objetivos e das questões da entrevista num contato prévio, firmei o compromisso com os tutores de preservá-los no meio do anonimato. As entrevistas foram todas realizadas com a utilização de gravador, com o consentimento dos entrevistados, e previamente agendados o dia e horário. Triviños (1987) comenta que, quando as pessoas não estão familiarizadas com o uso do gravador, isso pode inibir o informante no começo do trabalho, mas que, rapidamente, a pessoa se torna espontânea e ignora a utilização do aparelho. Observei que, de fato, essa inibição ocorria nos minutos iniciais, após os quais o entrevistado se sentia à vontade e discorria com naturalidade sobre os temas propostos.

O roteiro utilizado para a realização das entrevistas foi elaborado com base nas experiências, questões e reflexões geradas pelos estudos e análises do objeto pesquisado. O roteiro foi dividido em quatro blocos: Identificação pessoal (apenas para auxiliar na análise das informações e facilitar contato posterior em caso de necessidade), Identificação acadêmica, Identificação profissional e um bloco com questões no foco do trabalho do tutor. Esse roteiro serviu para dar início à entrevista, não sendo seguido rigidamente, pois, conforme o entrevistado expressava as ideias, as perguntas iam sendo introduzidas. Quando uma resposta não parecia clara, era incompleta ou suscitava novos esclarecimentos, eu lançava mão de questões complementares que surgiam no contexto da entrevista. O tempo de duração das entrevistas teve uma variação de 15 a 30 minutos.

Alguns vieses da utilização da entrevista como técnica de coleta de dados são comentadas por Haguette (1995). Esses podem estar presentes tanto na pessoa do

pesquisador como em fatores externos a ele. Quanto aos últimos, cita o roteiro utilizado, o informante e o estado de interação do entrevistador com o entrevistado. Como as entrevistas foram realizadas em um contexto no qual estou imersa, acredito que a convivência com os tutores tenha contribuído para uma melhor interação no momento da entrevista, entretanto algumas pessoas se mostravam preocupadas com o que seria perguntado e se suas respostas seriam corretas ou não. Explicava que não havia esse critério em relação ao que seria respondido e que o interesse estava voltado para as experiências e contribuições de cada um quanto ao tema da pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram profissionais que atuam como tutores a distância. Na suposição de que esses sujeitos, por estarem vivenciando essa modalidade, havendo possibilitado a elaboração de “significados” e “representações” mais claras sobre o que venha ser o trabalho do tutor, assim poderia chegar a uma definição mais consistente da identidade do tutor, suas funções e significados.

Como mencionado anteriormente, foram selecionados seis tutores, que receberam os pseudônimos de T1, T2, T3, T4, T5 e T6, dentre o número de dezoito possíveis. Todos os seis tutores atuavam no programa Universidade Aberta do Brasil (UAB), e duas, além de atuar na UAB, também desempenhavam a função de tutora em instituições particulares sem vínculos com o Programa. Todas eram do sexo feminino, com faixa etária de 24 a 38 anos, experiência mínima de trabalho em tutoria a distância de um ano e meio a máximo cinco anos. Os sujeitos entrevistados possuíam formação acadêmica em áreas diversas. *Graduação*: quatro Licenciatura em Pedagogia, Bacharelado em Biblioteconomia/Ciências da Informação e Licenciatura em Matemática; *Especialização*: duas Informática educativa, uma Ciências da religião e Docência em EAD (em andamento), uma ensino da Matemática (em andamento), duas não possuem especialização; *Mestrado*: duas em Educação Brasileira e uma em andamento, três sem curso de mestrado; *Doutorado*: um em andamento.

A terceira fase foi a sistematização dos dados, de sua interpretação e de análise, que permearam, de modo integrado, toda a investigação. Ao final, as entrevistas foram transcritas e as respostas agrupadas de modo a permitir sua análise. Isso possibilitou o diálogo com autores, a articulação com a teoria e as informações colhidas, arranjos,

reflexões, elaborações provisórias, reorganização de dados, que culminaram na estruturação e texto definitivo da dissertação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse capítulo apresento resultados e discussões feitas com suporte nas falas dos sujeitos entrevistados. Os dados foram organizados de modo a contemplar a compreensão da identidade socio profissional do tutor, levando em conta as variáveis analíticas: saberes docentes; conquista da identidade do tutor pelo próprio tutor; formação profissional e condições de trabalho (estrutura financeira, física, reconhecimento social), que detalharei a seguir:

4.1 Saberes docentes

Nesse item procuro verificar se o saber articulado pelo tutor na EaD se aproxima ou se é o mesmo saber docente abordado nos autores Lessard e Tardif (2002), Therrien e Therrien (2000). Para tanto, indaguei aos sujeitos da pesquisa partindo das três questões a seguir:

- Acha que existe alguma diferenciação entre a prática docente a distância e a presencial? Justifique.

Notei que, dos seis sujeitos entrevistados, cinco consideraram haver diferenças entre prática docente presencial e a distância, conforme detalho na tabela 1.

Tabela 1 – Diferenças entre prática docente presencial e a distância

Item	Diferenças ou não entre a prática do docente na modalidade presencial ou a distância					Não há diferença
	T1	T2	T3	T5	T6	T4
1	Mais contato do professor tutor com os alunos	Preocupação com aluno. Vínculo professor/tutor com aluno				Não há diferença
2					Partir do pressuposto de que o aluno tem que aprender a mexer com a tecnologia	
3	Acompanhamento individualizado a distancia	Suporte individualizado				

4	Quebra de hierarquia					
5			Metodologia a ser aplicada (recursos que normalmente não usa no presencial)		Técnicas diferentes para trabalhar na modalidade presencial	
6	Avaliação					
7					Balacear tecnologia, conteúdo e outras coisas ainda	
8					Saber tudo da tecnologia e dominar o conteúdo	
9				Prática da distância requer mais atenção		

Fonte: pesquisa direta

Das diferenças apontadas pelos sujeitos, classifiquei-as as da seguinte forma:

os tutores T1 e T2 (ver tabela 1 item 1) consideraram que na EaD a relação entre professor tutor e aluno é diferenciada. Eles expressaram que é necessário maior contato/vínculo entre professor tutor e aluno no contexto da EaD;

os tutores T3 e T6 (ver tabela 1 item 5) destacaram que as metodologias e técnicas para trabalhar na EaD são diferenciadas; e

os tutores T1 e T2 (ver tabela 1 item 3) apontaram que na EaD o atendimento individualizado do aluno é característica diferenciadora em relação ao presencial.

As outras características apresentadas pelos tutores não coincidiram (ver tabela 1 itens 2, 4, 6, 7, 8 e 9), no entanto são relevantes e me fazem pensar em uma prática que diferencia o presencial do virtual.

As respostas apresentadas para essa questão levam-me a recuperar as ideias de Almeida (2003) e Lévy (1999), em que a educação a distância por meios digitais possui características próprias e precisam ser consideradas no fazer pedagógico a distância

como, por exemplo, o uso de metodologias específicas que considerem tempo, espaço e comunicação a distância e a relação professor aluno mediada pelas tecnologias. Não posso, no entanto, perder de vista os objetivos e finalidades da educação, vinculados aos fundamentos da educação no contexto mais amplo, pois, como já destacado, educação a distância é antes de tudo educação.

- Teve alguma preparação quando iniciou seu trabalho como tutor? Se sim, essa formação ajudou de alguma forma?

Nessa questão, observei que todos os sujeitos passaram por curso de formação para assumir a função de tutor, no entanto o grau de importância e a influência da formação apresentaram variação, conforme é mostrado nas falas a seguir. A tutora T1 relatou que

T1 Sim. Olha é assim, pra você começar, né? Eu não tinha nenhum conhecimento assim, da tutoria, né? Fui entender um pouco mais do que seria através desse curso mesmo, assim com a prática do tutor eu li assim as teorias, mas eu acho que pra prática ele deixa a desejar ainda, por exemplo, é uma coisa que acho que falta nas formações entrar um pouco mais na questão da avaliação.(...)Qual a função do tutor? Né, é como é que ele deve se dirigir aos alunos? quando é que ele deve ficar um pouco mais é, é recuar um pouco com relação as postagens ... ficar respondendo todas as postagens dos alunos? Como é que é, como é que deve ser a participação do, dos tutores né. São questões assim que eu acho que são importantes ser levantadas, que muitas vezes eu acho que o curso deixa a desejar nesse sentido assim, com relação a vivência mesmo né, os conhecimentos teóricos alguns até chegam, lá no cursos tem o conhecimento teórico, mas a gente queria ver um pouco mais na prática né, claro que dentro das diretrizes da instituição né, mas eu acho que estas questões deviam ... ficam entrando né.

Em seu relato, verifico que a tutora valoriza o curso que recebeu, mas com ressalvas, enfatizando que, em relação à prática, o curso deixa a desejar, trazendo a ideia de que o tutor se forma na prática e não somente na teoria. Essa noção aproxima-se das discussões propostas por Lessard e Tardiff (2002) e Therrien e Therrien (2000), que assinalam como essenciais os saberes de experiência do professor constituídos na sua trajetória pessoal de vida, além de seu trajeto de formação e de atuação profissional. Os saberes da experiência dão densidade ao seu repertório de saberes disponíveis, constituindo a identidade do professor.

O sujeito T2 complementa as ideias de T1, referindo-se ao fato de que o curso não foi suficiente para sua atuação, conforme destacado no texto a seguir:

T2 (...) base ele me deu. Uma base pra mim começar, mas não foi suficiente teve algumas coisas que eu sentir falta e que eu tive que recorrer a outras pessoas que já tinham mais experiência para

poder esclarecer as minhas dúvidas. Sozinha, assim, não sei se eu teria capacidade de desempenhar muito bem a minha função pela questão da gente não conhecer o ambiente e até a questão da estrutura do ambiente mesmo que eu não conhecia direito, como é que funcionava.

O sujeito T6 também expôs em seu depoimento a noção de que somente o curso de formação não prepara adequadamente para atuação na EaD:

T6 – (...) Foi básico e acho que só o curso não é suficiente, mas aí eu fui lendo eu já tinha alguma base, justamente por essas formações que eu fiz, que eu fiz lá no instituto, eu fiz curso de comunidade virtual, eu fiz curso de projetos pela internet, então fui adquirido outras referências, aí facilitou.

Em uma visão mais objetiva, os sujeitos T3 e T5 valorizaram a formação, sem entrar em detalhes, como notado na sequência.

T3- Tive um curso de formação de tutor. Ajudou sim, pois não tinha nenhuma prática com tutoria.

T5 - Fiz o curso para formação de tutores. Foi o que me fez despertar para esta área.

Também sem entrar em detalhes, T5 somente assevera ter feito a formação, mas não apresenta nenhum juízo de valor sobre a experiência vivenciada.

T4 - Sim. Já fiz vários cursos, inclusive em cada uma dessas instituições citadas.

Percebi que todas as instituições em que os entrevistados trabalharam ofereceram curso de formação aos tutores. Posso articular algumas ideias em relação a essas falas. Em primeiro lugar, restou claro que essas iniciativas não foram suficientes para preparar o tutor a fim de assumir suas funções. Também as formações decorrem do fato de que a educação por meios digitais é uma realidade relativamente nova que demanda a habilidade do uso de ferramentas tecnológicas específicas, além de metodologias refletidas para seu contexto, conforme se verifica nos trabalhos de Moran (2003) e Almeida (2005). Para Moran, o professor deve aprender a trabalhar com diferentes tipos de tecnologias e não deve se acomodar ante os desafios. Almeida (2005) defende o argumento de que o desafio da formação de professor para EaD é que as tecnologias digitais sejam refletidas nas práticas pedagógicas, identificando possibilidades e dificuldades, mediante a reflexão e a investigação. Considero, então, que a formação é uma importante estratégia para preparar o profissional para agir, mas deve vir associada à prática, metodologia investigativa e reflexiva.

- Teve de desenvolver alguma habilidade e/ou saber diferenciado para o trabalho como tutor?

Nesta questão de análise, os entrevistados exprimem as habilidades e o saber diferenciado que desenvolveram para atuar nos cursos em EaD. Organizei-os em uma tabela para melhor visualização.

Nota-se, conforme a tabela 2, que os sujeitos T1 e T2 tiveram que lançar mão de estudos para o domínio do conteúdo.

Os entrevistados T1, T2, T3 e T5 destacaram a importância do manuseio dos recursos tecnológicos para o trabalho como tutor. Outras respostas emergiram:

- ✓ o sujeito T2 aponta a flexibilidade do tempo;
- ✓ o entrevistado T3 destaca a interação e mediação;
- ✓ o pesquisado T4 enfatiza estudos que desenvolveu sobre EaD e AVAs; e
- ✓ o tutor T6 ressalta a importância do “perceber o que não é percebido”.

Tabela 2 - Habilidade e/ou saber diferenciado para o trabalho como tutor

Item	Habilidade e/ou saber diferenciado para o trabalho como tutor					
	T1	T2	T3	T4	T5	T6
1	Conhecimento dos conteúdos	Conteúdo				
2	Familiaridade com a tecnologia (ambiente virtual e objeto educacional)	Conhecer o ambiente	Aparato tecnológico		Conhecimento em informática	
3		Flexibilidade de tempo				
4						“Perceber o que não é percebido”
5			Interação Mediação			
				Metodologias e tecnologias EaD e AVAs		

Fonte: pesquisa direta

Deste modo, deduzimos que os sujeitos de estudo, cada qual com suas particularidades, destacaram a importância do uso dos recursos tecnológicos. Não nos surpreende essa resposta, pois o contexto em que ocorre a EaD tem sua base nas tecnologias digitais, que possuem características específicas de uso, tais como ferramentas para comunicação entre alunos e professores, pesquisa-busca na internet, emprego de recursos áudio-visuais digitais, entre outros. Esse aspecto é apresentado em Borges Neto e Oliveira (2002), pois os autores destacam ser preciso que o professor adquira as competências necessárias em sua formação para assumir uma nova dinâmica de trabalho que, no caso da EaD, consiste na utilização crítica e consciente das ferramentas digitais na educação a distância. Não causa estranhamento a ideia de que o “domínio do conteúdo” também apareça com frequência na fala dos sujeitos. Esse aspecto se aproxima da discussão de Tardiff (2002) e Therrien (2000), quando abordam os saberes disciplinares como parte importante da formação docente, aproximando, pois, tutor e professor em suas funções.

- Quais atividades desempenham como tutor?

Esta indagação tem por objetivo compreender, pelas respostas dos sujeitos entrevistados as funções e papéis desempenhados em seu trabalho que ajudam a constituir a sua identidade profissional.

O sujeito T1 destaca em seu depoimento que o tutor exerce inúmeras funções. Seu trabalho é ser professor em dobro:

T1 -(...) no que concerne ao acompanhamento do alunos né, que querendo ou não tem que ser um acompanhamento mais individualizado né, o que é, o que leva a ser um trabalho redobrado né, porque não é só avaliação somativa né, que seria a prova, a gente não avalia só com prova, a gente tem que tá acompanhando os fóruns, chat, então até é é essa questão de avaliação né, é uma coisa que você tem que ter todo um cuidado porque avaliação no fórum tem que ter um olhar, avaliação no chat né que é uma ferramenta síncrona que tudo acontece muito rápido, você tem que ter também um outro olhar pra avaliar um aluno através dessa ferramenta, então são, são, são muitos detalhes na EaD que nem sempre a gente vê no presencial né, isso leva o tutor a ter N funções né, isso pra mim é ser professor redobrado.

Na fala do sujeito T1, observa-se que, para ele, o trabalho em dobro é por conta das seguintes funções: o acompanhamento individualizado, a avaliação mais detalhada em fóruns e *chats*, que ocorre de forma rápida. Nesse ponto, percebi que suas atividades são específicas do professor, avaliação e acompanhamento do aluno. Notei também a emergência da discussão proposta por Gussi e Wolff (2001), quando se referem ao

trabalho na sociedade contemporânea em que os processos de informatização, globalização, flexibilização, entre outros, trouxeram consequências negativas para os trabalhadores.

O sujeito T2 aponta sua atividade como sendo de motivar para que o aluno não desista da modalidade a distância, pois o aluno, quando se sente só no ambiente, desmotiva-se e desiste do curso. Destaca, ainda, que o tutor tem de apresentar sempre “novidades” dentro do conteúdo e foco do curso. Assim, noto que para esse tutor suas atividades se voltam mais para animar o grupo, a função afetiva da relação tutor aluno.

T2 - Assim eu procuro né, levar sempre o melhor pros alunos, sempre deixar eles bem atualizados de como é que tá funcionando as coisas sempre buscar motivá-los né por que é essa questão da motivação também tem que existir que eles alguns desistem, e acabam se desestimulando né, com as coisas coisas anteriores que venham a acontecer sempre procuro tá bem, bem atualizado deixa eles bem a par de tudo procurar tá sempre presente no ambiente, responde-los o mais rápido que eu puder, nunca deixa eles sozinhos procurar sempre coisas novas diante daquilo que eu estou trabalhando com eles né dependendo do conteúdo que eu tiver trabalhando e do que for o foco também do aluno naquele caso

Os entrevistados T3, T4, T5 exprimem as atividades vinculadas ao ambiente virtual de ensino e aprendizagem e funções mais específicas do fazer docente, conforme destacadas a seguir:

T3- Tirar dúvidas no fórum, responder emails, torpedos e outras mensagens, corrigir provas e trabalhos, atender ao aluno pessoalmente e por telefone, ir aos encontros presenciais.

T4 - Dar aulas, orientar, avaliar etc.

T5- Dar aula nos encontros presenciais, acompanhar as aulas dos alunos através do site, avaliar os alunos e mediar o aprendizado.

A entrevistada T6 garante que as funções variam de instituição para instituição. Em algumas, tem a função de planejar as atividades dentro dos ambientes de ensino, já em outras instituições é necessário montar o curso ou disciplina. Percebo também nessa entrevista que o tutor trabalha com o planejamento, uma das atividades que considero própria do trabalho docente.

T6- Eu mudo dependendo da instituição, por exemplo, na X eu atuo como tutora da seguinte forma: eu já recebo tudo dentro do ambiente virtual, a agenda já está feita, os materiais estão lá, está tudo feito na X; na Y é diferente, sou eu que faço agenda semanal, sou eu que monto as atividades, sou eu quem crio os fóruns, tudo depende do meu planejamento como tutor, se eu fizer um planejamento mal feito, mal organizado, consequência para os alunos. Na X não, eu ainda tenho a quem recorrer, eu vejo que o material está mal elaborado, eu vejo que a agenda está com as datas erradas, eu chegou por conteudista e digo: isso aqui está errado, vamos mudar enquanto não está em andamento. Na Y não, tudo depende de mim, porque eles só me entregam a sala aberta, mas me entregam a sala vazia, então eu tenho que fazer a agenda, eu coloco aviso no mural, tudo tem que partir de mim. E na Z é diferente, este ano a gente está com o moodle, o moodle ainda esta passando por reformulações e a gente ainda não está aderindo ao

moodle, porque os alunos não têm a cultura digital necessária para isso, eles também não trabalham com educação à distância assim, pelo Mec. O MEC não abriu a instituição para trabalhar com educação à distância, a gente está trabalhando essa modalidade, o moodle está aberto, mas a gente ainda está aderindo essa cultura, a gente ainda está trabalhando a educação à distância por e-mail, ainda é um pouco retrogrado em relação ao MEC e em relação ao virtual.

4.2 A identidade do tutor pelo próprio tutor

Este ponto tem por objetivo identificar e compreender a percepção dos tutores entrevistados a respeito do seu próprio processo de trabalho e sua identidade. O que motivou seu trabalho como tutor?

Quando perguntei aos entrevistados o que motivou seu trabalho como tutor, o sujeito T1 expressou que foi *o desejo de atuar na docência no ensino superior*. Não tinha até então experiência no ensino presencial, surgindo a oportunidade de atuar após o curso de formação para tutores.

O sujeito T2 diz que o motivou a trabalhar como tutor a curiosidade em relação à modalidade de educação a distância.

O participante T3 relata que a sua motivação em desenvolver trabalho com tutoria em EaD partiu do gosto pela tecnologia e de já atuar como professora.

A tutora T4 expressa que a motivação que a levou a trabalhar como tutora foi *“a oportunidade de trabalhar com EaD que gosto e acredito na possibilidade expandir o ensino superior.”*

O sujeito pesquisado T5 diz que sua motivação se deu após realizar o curso de tutoria.

O sujeito T6 aponta que sua motivação teve origem na convivência com trabalhos já realizados no âmbito da instituição utilizando tecnologias digitais e ambientes virtuais de ensino e aprendizagem. Em seguida, começou a trabalhar como tutora e fazer cursos relacionados à área. Desde então, resolveu-se afirmar como tutora, como se verifica em seu relato:

T6 - Não, eu comecei nessa de ead em 2005, e todas as reuniões, assim dos professores mesmo do presencial, elas tinham... as reuniões eram todas virtuais, pelo Teleduc, aí, aquilo foi me interessando, porque assim, os professores eles não tinham tempo de se reunir presencialmente, as reuniões eram todas pelo virtual, a gente... aí eu tinha um coordenador e eu era... eu vinha logo abaixo dele porque eu era a pedagoga do curso de comunicação social e aí ele dizia: “marca com os professores no virtual, marca não

sei o que”, aí foi me motivando a trabalhar no virtual, a me interessar pelo virtual. Depois eu comecei na UFC virtual, logo na tutoria, comecei a ver essas questões no virtual, também fiz um curso de comunidade virtual que era todo por essa plataforma dos softwares. Aí, foi me chamando atenção todas essas questões da tutoria, essas questões de saber como era que o professor atuava, como era a relação com os alunos, então eu quis... “eu quero isso pra mim, eu quero dar aula nessa modalidade, eu quero investigar tudo isso”, deixei o presencial de lado, só trazendo por virtual. Isso foi que me motivou a fazer cursos, a trabalhar com isso como pedagoga, foi o começo. Foi mesmo com o pessoal da UFC virtual, que ofereceu para o professor fazer o que queria no curso, e de lá pra cá eu já venho atuando.

- Como compreende essa função?

Neste item, todos os entrevistados enfatizaram e valorizaram o papel do tutor na EaD e reconheceram a importância de suas funções, conforme destacou o participante T2:

Ele é na minha visão o elo com os alunos, então ele é o representante da instituição se ele não vai bem não é professor tutor que não vai bem é a instituição como um todo que não funciona o aluno vê o tutor como representante da instituição ele não vê ele separado né? Ele vê o todo ...

A análise deste trecho, que traduz também o pensamento dos demais entrevistados, revela e confirma a importância atribuída por eles ao papel e funções do tutor. Os tutores entrevistados deram a entender que, para se alcançar os objetivos de ensino-aprendizagem, muito dependem do desempenho do seu papel, funções, atuações e prática na tutoria. Essas opiniões são defendidas também por Aparici (2005), García Aretio (2003), e outros que, assim como os sujeitos estudados, entendem que tutor é uma peça-chave no ensino aprendizagem, consoante é observável nas afirmações seguintes.

O sujeito T1 destaca que:

Ser tutor é ser professor (risos) dez vezes mais viu porque é muito, muito trabalhoso né? É, é um pouco diferente de ser professor presencial, né? É no que concerne ao acompanhamento do alunos, né? Que querendo ou não tem que ser um acompanhamento mais individualizado, né? O que é... o que leva a ser um trabalho redobrado, né? Porque não é só avaliação somativa, né? que seria a prova, a gente não avalia só com prova, a gente tem que tá acompanhando os fóruns, chat, então até é essa questão de avaliação né, é uma coisa que você tem que ter todo um cuidado porque avaliação no fórum tem que ter um olhar, avaliação no chat né que é uma ferramenta síncrona que tudo acontece muito rápido, você tem que ter também um outro olhar pra avaliar um aluno através dessa ferramenta, então são, são, são muitos detalhes na EaD que nem sempre a gente vê no presencial né, isso leva o tutor a ter N funções né, isso pra mim é ser professor redobrado.

A tutora T1 apresentou a ideia de comparação entre o ensino presencial e a distancia, deixando claro que o trabalho do professor é bem mais complexo e trabalhoso e definindo que, para ela, ser tutor é ser professor.

A tutora T3 compartilha a ideia da tutora T1 de que o trabalho do professor na EaD é bem maior do que no presencial e também entende que sua função é de professor, como verifica a seguir:

T3- Tem uma carga muito maior do que um professor da presencial, pois através das ferramentas tecnológicas além de todo o conteúdo, precisamos evitar a evasão, estimulando o aluno de diversas formas.

De forma direta e objetiva, a tutora T4 assevera que tutor e professor exercem a mesma função.

T4 - Uma função docente e não muito diferente da presencial, pois professor é sempre um professor, não importa a modalidade.

Sem muitos elementos de análise, a T5 enfoca a função de tutor como mediador, o que não deixa de caracterizar o trabalho docente. Conforme se verifica em Collins e Berge (1996), para as autoras, a *dimensão pedagógica* da prática privilegia as funções do tutor como mediador pedagógico, que focaliza as discussões em conceitos, habilidades e princípios críticos.

T5 - Mediadora do ensino

Na fala da tutora T6, é notável um descontentamento referente à situação vivenciada no momento no que concerne à indefinição como tutor, mas compreende que isso ocorre em consequência do momento inicial de construção e formação da identidade de sua profissão. Isto é possível verificar em seu relato:

T6- Eu acho desvalorizada, muito, porque assim, a gente mesmo, desde o começo que o tutor é chamado de monitor, eu acho isso... eu não gosto dessa denominação de monitor,(...) o tutor faz o plano, o tutor dar a aula, o tutor corrigi a prova e a gente é chamado de monitor, eu não suporto essa denominação, eu acho que a gente é totalmente desvalorizado. A questão financeira também é desvalorizada, se você não gostar dessa profissão você não continua. Eu gosto, eu sei que ganha pouco, mas eu não deixo, eu gosto, porque eu acredito que vai mudar, até porque está iniciando, a gente é pioneira agora, então a gente muda, mas agora é um longo caminho ainda pra mudar.

Esta questão trouxe-me importantes elementos para compreensão da pesquisa, pois fez com que os sujeitos pensassem sobre seu trabalho, acerca de sua identidade profissional e o contexto que estão vivenciando, afirmando suas identidades como professoras.

- Como os alunos se referem à sua pessoa?

Nesta questão, as entrevistadas T1, T2, T3, T4, T5 são enfáticas, acentuando que os alunos se reportam a elas como professora, conforme se pode conferir nas falas seguintes:

T1 - Eles me vem como professora mesmo

T2- É como professora da turma

T3- É bem variado, mas normalmente chamam de professora, pois sou eu quem os acompanha todos os dias.

T4- Professora. Eles são conscientes e respeitosos; disso não posso me queixar.

T5- Professora

T6- Eu sou bem valorizada na vista deles(...) Eu não gosto, por exemplo, nas minhas tutorias eu não gosto que me trate..., na Y é tutor à distância e tutor presencial. Eu não gosto que me chame de tutora eu gosto que me chame de professora-tutora. Eu sempre digo isso a eles, professora, professora-tutora, essa denominação, mas não gosto só da denominação tutora, porque já é desvalorizado e chamando de tutor ai é que a gente fica.(...) Então eu não uso essa denominação tutor-tutor, porque eu não sou só tutora eu sou professora também.

Esta indagação corrobora a anterior, em que os tutores se consideram professores no processo de ensino e aprendizagem no contexto a distância nas instituições onde atuam, e os alunos as reconhecem o como tais na relação docente – discente. Assim, se nota que a identidade do tutor está sendo construída no momento atual, no cotidiano das redes de significações tecidas pelos sujeitos sócio-históricos, porquanto a identidade profissional é uma construção coletiva e individual ocorrente na dinâmica dos processos e dos fazeres dos indivíduos num determinado contexto e momento histórico.

4.3 Formação profissional

- Teve alguma preparação quando iniciou seu trabalho como tutor? Se sim, essa formação ajudou de alguma forma?

Nesta pergunta, todos os sujeitos disseram que passaram por curso de formação, no entanto, apresentaram elementos diferenciados sobre os cursos pela qual passaram

- ✓ Para a tutora T1 ajudou na teoria, mas não na prática.
- ✓ No relato da tutora T2 não foi suficiente, pois teve que pedir auxílio a pessoas mais experientes.
- ✓ Segundo a tutora T3 ajudou, pois a entrevistada não tinha prática de tutoria.

- ✓ A tutora T4 afirmou que fez, mas não diz se ajudou.
 - ✓ A tutora T5 Não falou se ajudou na tutoria, mas pela resposta pressupõe-se que sim, pois afirma que foi a formação que a fez despertar.
 - ✓ A tutora T6 diz que ajudou, mas não suficiente, pois foram necessárias leituras e estudos. Verifica-se que a maioria disse que ajudou, mas que é necessária uma complementação com outros recursos. Assim, noto que a tutoria, bem como a docência, exigem uma articulação com a prática nos cursos de formação, na fala da T1 da T2 essas questão ficam mais evidentes.
- Teve alguma dificuldade/problema quando assumiu a função de tutor? Quais?

Nessa parte, as entrevistadas mostraram que tiveram dificuldade, mas cada uma apresentou diferentes problemas, conforme é verificado na tabela 3.

Tabela 3 – Problemas pontuados

Tutoras	Resposta	Problemas
T1	sim	-Familiarização com o ambiente virtual - Acompanhamento dos alunos - Avaliação da aprendizagem
T2	sim	- Questão burocrática - Questões tecnológicas (dentro do ambiente)
T3	sim	- Não temos uma identidade muito bem definida, dificultando as relações com os alunos
T4	não	-
T5	não	-
T6	sim	Turma com nível muito elevado

Fonte: pesquisa direta

Os problemas apresentados são de naturezas diferentes, pois tecnológicos, pedagógicos e administrativos, confirmando a discussão proposta pelas autoras Collins e Berge (1996), de que na EaD, as atribuições que constituem a prática docente na tutoria transitam de forma inseparável e entrelaçada, mas diversas tarefas e papéis

exigidos pelo tutor, abrangendo atividades docentes nas dimensões *pedagógica, social, gerencial e técnica*.

4.4 Condições de trabalho (estrutura financeira, física, reconhecimento social).

Essa variável tem por objetivo verificar as condições concretas de existência do tutor. Nesse sentido, trago as seguintes questões aos entrevistados:

- Seu trabalho como tutor é a principal atividade ou complemento?

Nesta questão, obtive uma divisão bem equilibrada das respostas, pois três pessoas responderam que era uma atividade complementar, enquanto as outras três disseram que era a atividade principal, conforme observamos nos depoimentos: o sujeito T1 fala de forma negativa em relação à atividade de tutoria como um trabalho que exige muito do tutor, mas que não permite vínculo com a instituição.

T1- Essa atividade de tutoria é só complementar né, porque como também não tem o vínculo né, não tem o vínculo com a instituição. A gente é contratado pra ministrar a disciplina né, então é impossível assim você, embora eu acredite, que deveria é, deveria ser relevada essa questão do tutor, né do contrato do tutor né? Porque é um trabalho muito grande, às vezes assim você passa horas assim, o dia inteiro no computador para atender a demanda dos alunos e assim que você recebe de retorno as vezes não dá para você se manter, então o tutor ele tem que buscar outras coisas né, ele não pode viver da tutoria né pelo menos assim na atual é. No atual contexto, hoje não dá para viver da tutoria tem que ter uma atividade complementar né.

Na fala da T2, também é observada a atividade complementar, mas sem trazer detalhes. Nota-se que a entrevistada já atuava em outra função da EaD, chamada de “designer” instrucional.

T2 - *É complemento, atualmente né a principal seria o de designer, aqui que eu sou bolsista.*

De acordo com a T4, essa atividade é um complemento e destaca uma insatisfação no que concerne a valorização financeira, se aproximando da T1 que se mostra insatisfeita com a relação “retorno” e demanda de trabalho.

T4 - *Com certeza complemento, pois INFELIZMENTE não é valorizado financeiramente como deveria ser.*

Os outros três sujeitos apresentaram de forma bem objetiva a ideia da tutoria como trabalho principal, conforme é observável em seus registros

T3- *Principal*

T5- *Principal atividade*

T6 - *É o principal. Porque eu comecei agora como professora do presencial, mas eu comecei minha formação..., ele esta em primeiro lugar, tutoria.*

Apesar de poucas informações apresentadas pela entrevistada, esse fato me surpreendeu, pois tinha a concepção de que a tutoria era uma atividade predominantemente complementar, por não exigir frequência ao local de trabalho, podendo ser adequada a outras atividades/funções dos profissionais que já atuam no mercado.

- Se atua em mais de uma instituição, existe alguma diferença entre o trabalho desenvolvido?

Na resposta a esse questionamento, observa-se que três entrevistadas informaram que sim e as outras três (T1, T2 e T3) não tinham a experiência em outras instituições para que pudessem realizar a comparação. Vejamos nas respostas que seguem:

T3 Sim, na instituição particular faço todas as tarefas, na Estadual apenas não corrijo as provas e raramente vou aos encontros presenciais, e nem atendo aluno pessoalmente porque o pólo é no interior do Estado.

T4 Sim. Desde a plataforma a concepção de EaD.

T6- Eu mudo dependente de instituição.

- Existe algum desafio (estrutura financeira, pedagógica, técnica, entre outras) a ser superado em relação à tutoria?

Nesta questão, procurei identificar o que poderia melhorar no trabalho do tutor em relação à estrutura existente. Obtive os seguintes resultados organizados na tabela 4.

Tabela 4 – Desafios

T1	T2	T3	T4	T5	T6
Polos	Reconhecimento por parte do governo	Estrutura financeira	Estrutura financeira	Parte física	Não é remunerado pelo que a gente faz
Falta de tutores presenciais	Valor da bolsa	Salário melhor	Pedagógica		Nem reconhecido
Investimento maior no tutor (salário)	Por ser complementar não há como ter dedicação	Oferecer cursos de formação	Técnica		Financeira e na questão tecnológica
Falta pesquisa		Grande número de alunos			Questão da interação

Falta equipamento					
Falta suporte					

Fonte: pesquisa direta

Desta questão, sobressaem inúmeros desafios para que o trabalho do tutor possa obter condições satisfatórias. Das seis entrevistas realizadas, emergiu em cinco entrevistas a baixa remuneração feita ao tutor. Assim a remuneração é vista como injusta como retribuição das importantes funções assumidas pelo tutor. Essa questão foi apontada no meu referencial quando abordei a remuneração dada pelo MEC aos tutores que trabalham no Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB), servindo de referência para outras instituições.

- Considera seu trabalho como tutor valorizado socialmente?

A resposta dos entrevistados a esta questão foi bastante variada, trazendo diferentes pontos para a discussão

Na fala da T1, aparece o termo “preconceito” em relação à tutoria, mostrando também uma indefinição da identidade desse profissional. A entrevistada apresenta certa contradição e pensamento sobre sua condição, perceptível no trecho:

T1 Olha eu acho que existe um preconceito muito grande assim é, é até com essa coisa de tutor professor né, essas, essas denominações assim. Às vezes eu sinto que o tutor, ele não é um professor né, tá ali acompanhando os alunos, mas não é professor né. Tipo ele tá ali só vigiando os alunos ou incentivando pra que postem, pra que estejam interagindo né, quando na verdade não é isso, ao menos eu enquanto tutora não tento ser uma cuidadora sabe, até posso ter um cuidado com os meus alunos né, tento ter uma relação afetiva com eles assim, até pra estreitar os laços também né, pra facilitar essas coisas da comunicação e, e do contato mesmo com os alunos.

No recorte a seguir, ela afirma/sente que o tutor não é professor, mas depois diz que na verdade não é isso; ela tenta não ser uma “cuidadora.”

“Às vezes eu sinto que o tutor, ele não é um professor né, tá ali acompanhando os alunos, mas não é professor né. Tipo ele tá ali só vigiando os alunos ou incentivando pra que postem, pra que estejam interagindo né, quando na verdade não é isso, ao menos eu enquanto tutora não tento ser uma cuidadora sabe”.

A T2 apresenta uma visão mais otimista, dizendo que mudou bastante e que o tutor está começando a construir sua identidade. A entrevistada relaciona essa mudança e elaboração do “ser professor” pelo tutor com a questão do reconhecimento.

T2 [...] já mudou bastante, eu acho que desde início quando eu entrei assim já li bastante também, já vi entrevista de pessoas comentando “ele até agora ele tá começando a construir essa questão mesmo da identidade” que ele é o professor da turma e não que ele é um simples, como se fosse um guia, uma pessoa que o aluno tem assim a quem se referir aonde ir, assim né como se fosse uma luz pro alunos, mas não, ele é professor que vai lá dar o conteúdo, que faz prova, que corrige prova, fizesse ele tá se construindo eu acredito que sim essa visão do tutor não ser um tutor porque essa palavra tb não me agrada muito eu vejo o tutor como é o tutor parece uma pessoa assim que ganhou a causa na justiça e rrsrsrs e tá tá só gerenciando aquela pessoa pro lado e pro outro assim sem muita influencia, né eu acho que eles tão vendo mais como professor mesmo que vai lá dá aula.

Na concepção da T3, é perceptível uma proposição mais cautelosa, não há muito reconhecimento, em virtude de uma definição em relação às questões referentes ao tutor, conforme se verifica na fala.

T3 Não muito, por isso é preciso uma definição melhor do que é um tutor, onde ele se enquadra, quais são suas verdadeiras funções, qual o seu plano de cargos e carreira, etc.

Nota-se uma visão mais negativa em relação ao reconhecimento. De forma breve e taxativa, T4 afirma que não. Vejamos a seguir:

T4 De forma alguma, nem pela sociedade e muito menos pelo Governo.

A resposta de T5 não apresenta elementos limitando-se apenas a uma resposta positiva em relação ao reconhecimento. E T6 não respondeu a essa questão.

Compreendo que os objetivos deste capítulo foram alcançados, no sentido de elucidar as percepções e representações dos entrevistados acerca do trabalho docente experienciado pelos tutores no processo de ensino-aprendizagem no contexto da educação a distância. No próximo capítulo, trago as considerações finais, buscando as relações iniciadas com as análises das respostas dos sujeitos entrevistados. As reflexões pretendem indicar as possibilidades e desafios para a prática pedagógica na educação a distância, bem como reiterar a formação contínua do tutor e, implicitamente, seu desenvolvimento profissional na educação a distância.

5. Considerações finais

Na possibilidade de ser, nesta estação, a dissertação um ponto de chegada, pensamos se não é nessa um ponto de partida, de recomeço em vez de finalização, ocasião de abrir e renovar os caminhos percorridos, no lugar de terminá-los; momento de reafirmar a trajetória vencida e, ao mesmo tempo, vislumbrar, ressignificar perspectivas com base das questões aqui iniciadas. Tais reflexões reiteram a vontade de produzir e/ou ressignificar diferentes olhares sobre a identidade sócio-profissional do professor na educação a distância.

A questão cerne desse trabalho foi investigar *a identidade do tutor e quais as questões que envolvem a emergência desse profissional no âmbito da EaD por meio de AVEA*. Para atingir esse objetivo, busquei nos próprios sujeitos sócio-históricos as respostas para minhas inquietações, em seus saberes, em suas funções, em suas relações com os alunos. Dessa forma, explicitarei as considerações a que cheguei no percurso dessa pesquisa. Estou ciente de minhas limitações, mas também de nossas potencialidades nessa dinâmica de conhecer o outro dentro do seu contexto profissional.

Em primeiro lugar, constatei que a educação a distância demanda saberes específicos dos tutores próprios de uma modalidade com base tecnológica digital. Nas falas citadas pelos sujeitos, emergiram questões como metodologias e técnicas específicas, maior contato professor-aluno, individualidade no atendimento ao estudante, processo avaliativo específico e domínio tecnológico.

Percebi que, para lidar com essas questões específicas da EaD as instituições de ensino proporcionam formações de tutoria com o objetivo de preparar o tutor. Nas falas dos entrevistados, entendi que, apesar dessas formações ajudarem, não são suficientes para este objetivo, pois consistem em formações teóricas, apresentando assim limitações para o trabalho na EaD. Nesse sentido, os tutores relataram problemas em questões como o uso do ambiente, na avaliação, no acompanhamento de alunos e a própria indefinição de tutor que atrapalha a relação professor-aluno.

Uma das questões centrais deste trabalho foi buscar nos relatos dos sujeitos o sentido de ser tutor. Consegui apreender, nos diferentes momentos dos relatos, elementos que definiram o trabalho do tutor como labor docente. Tutor é professor! Essa identidade emergiu das seguintes constatações na pesquisa:

- as funções explicitadas pelos tutores no seu cotidiano, que consistiam em mediar o conteúdo, avaliar, orientar, acompanhar alunos, planejar entre outras questões próprias do fazer docente;
- nos relatos sobre as motivações em trabalhar como tutor, duas entrevistadas destacaram que aceitaram essa função por ser um trabalho vinculado à docência;
- todos os entrevistados disseram diretamente que compreendem a função de tutor como professor; em suas concepções, não existem indefinições sobre essa identidade. As justificativas apresentadas demonstram que essa indefinição está relacionada ao reconhecimento social desses sujeitos, que está permeado de preconceitos e desvalorização. Notei algumas falas um descontentamento e um sentimento de injustiça, pois em vários momentos foi destacado o trabalho árduo complexo, que é a docência na EaD, e que contraditoriamente tem sua remuneração precária;
- outro importante aspecto refere-se aos desafios apresentados pelos sujeitos para melhoria do trabalho do professor na EaD. Os problemas relatados abrangem as dimensões pedagógicas, administrativas e tecnológicas. Verifiquei, assim, que há uma precarização do trabalho desse profissional que não possui vínculo institucional, reconhecimento social, pagamento adequado, estrutura de trabalho e formação;
- não posso, no entanto, deixar de destacar as questões positivas dessa investigação. De acordo com os tutores entrevistados, seus alunos os reconhecem como professores, mostrando que também para eles essa indefinição de papéis tutor - professor existe;
- outra questão interessante consistiu na ocupação da atividade de professor na EaD como um trabalho principal e não como complementar, para três dos sujeitos da pesquisa, mostrando que cada vez mais essa função é necessária e precisa ser valorizada, não sendo somente um bico mas um meio pelo qual o profissional se mantém financeiramente.

Ante as proposições anteriores, compreendo que se referir ao docente trabalhador na EaD como “tutor” é uma forma de desvalorizar o profissional que lida com educação a distância. Essa desvalorização é constituída por uma lógica de educação em massa verticalizada, que tem como maior representante o MEC. Essa lógica associa educação e

mercado, com vistas a atender uma grande demanda por educação com o mínimo de recursos financeiros possíveis, como é visto nas discussões proposta por Belloni (2003) que apresenta os modelos de educação a distância nos moldes do fordismo e do pós-fordismo.

Também se mostra na problemática que eu trouxe no referente à precarização do trabalho na sociedade contemporânea (GUSSI; WOLFF, 2001), em que as tecnologias não são neutras, mas estão a serviço de um modelo de sociedade. Dessa forma, nas falas apresentadas sobre condições de trabalho, nota-se claramente essa questão em que o professor na EaD tem que trabalhar em dobro, conforme a fala de uma tutora, para quem *“Ser tutor é ser professor (risos) dez vezes mais ,viu, porque é muito, muito trabalhoso.”* (T1).

No âmbito do cotidiano da educação a distância, especificamente, compreendo que a prática pedagógica, do professor em EAD é uma atividade técnica, produtiva, e pedagógica que transforma e promove o homem como ser social, determinada como um conjunto de ações no âmbito das funções docentes entendida como práxis. A prática pedagógica é definida por objetivos, finalidades e conhecimentos vinculados a uma prática social mais ampla, que se concretiza no modo de pensar e fazer do docente.

Por fim, destaco o fato de que a construção da identidade socio profissional do tutor na educação a distância como docente é um processo em que os diferentes interesses da sociedade contemporânea se impõem. Os “tutores” entrevistados se denominam professores e necessitam de condições melhores de trabalho; mas a quem interessa esse reconhecimento? Portanto, a luta pela consolidação da identidade do tutor como professor acontece no seio da sociedade capitalista e tecnológica, necessitando de debates de toda a comunidade educativa para que este tenha seus direitos e reconhecimentos valorizados, pois não é uma luta individual, mas coletiva. Se pretende construir um modelo de educação a distância com qualidade, não se há de aceitar a ideia de que o papel de professor seja de um mero “tutor” sem direitos e sem identidade, mas um profissional crítico e consciente de sua importância para formação de sujeitos sociais, críticos e emancipados.

REFERÊNCIAS

- BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- BELLONI, M. L. **A integração das tecnologias de informação e comunicação aos processos educacionais**. In: BARRETO, Raquel G. (Org.)
- BELL, D. **O advento da sociedade pós-industrial: um ensaio de previsão social**, 1973.
- BENTES, R. F. **A Avaliação do Tutor**. In: Frederic M. Litto, FORMIGA Marcos. (Org.). **Educação a Distância: O estado da arte**. São Paulo -- SP: Pearson - Prentice Hall, 2008, v. 1, p. 166-171.
- BORGES NETO, H. ; OLIVEIRA, S. S. Experiências de Formação de Professores em Informática Educativa no NTE do Município de Fortaleza. In: II Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa da Unifor. **Anais**. Fortaleza: Ed. Unifor. 2002.
- BOGDAN, R. BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Tradutores: ALVAREZ, M. J. SANTOS, S. B. BAPTISTA, T. M. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Decreto nº 5622**, de 19 de dezembro de 2005. **Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622. Acesso em 05/04/2010.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.
- COLLINS, M. & Z.L. BERGE (1996). **Facilitating interaction in computer mediated online courses**. FSU/AECT Distance Education Conference, Tallahassee FL, June, 1996. Available: <http://star.ucc.nau.edu/~mauri/moderate/flcc.html>
- EMERENCIANO, M.S.J.; SOUSA, C.A.L.; FREITAS, L.G. Ser Presença como Educador, Professor e Tutor, In: **Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED)**. Publicado em: <http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=4abed&inford=124&sid=120>. Acesso em 24/04/2010.
- GADOTTI, M. **Comunicação Docente**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 111
- GARCIA ARETIO, L. **Ensenaza y aprendizaje digitales (EaD)** Boletim eletrônico de notícias de educación a distância (BENED). 2003, abril. Acesso 22/04/2010. Disponível em: <http://www.uned.es/catedraunesco-ead/>
- GARCIA ARETIO, L. **La educación a distancia: de la teoría a la práctica**. Barcelona, Ariel Educación, 2001.

GUSSI, A. F. **Reflexões sobre a abordagem biográfica, Poucas e Boas e Woody Allen**. Cadernos de Antropologia e Imagem, vol. 15(2), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

GUSSI, A. F.; WOLF, S. **Da Sociedade pós-industrial à Sociedade em rede: esboço de um balanço crítica para refletir a sociedade contemporânea**. Temáticas, Campinas, v. 1, n. 17/18, p. 125-156, 2001.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUSSI, A. F. ; WOLF, S. Da 'Sociedade pós-industrial' à 'Sociedade em rede': esboço de um balanço crítica para refletir a sociedade contemporânea. **Temáticas**, Campinas, v. 1, n. 17/18, p. 125-156, 2001.

JOYE, C. R. e ROCHA, E. M. **Educação a distância via web: por uma tecnopedagogia? (No prole)**

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34. 1999.

LITWIN, E. Das tradições à virtualidade. In: _____ (Org.). **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MOTA, R. **A Universidade Aberta do Brasil**. In: FREDERIC M. Litto; Formiga Marcos. (Org.). **Educação a Distância - O Estado da Arte**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008, v., p. 297-303.

PRETI, O. Educação a distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. In: PRETI, O. **Educação a Distância: inícios e indícios de um percurso**. Cuiabá: NEAD/IE – UFMT, 1996. Pgs. 15-56.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A , **Vidas de professores**. Lisboa; Porto Editora, 1992.

_____. **Profissão professor**. Lisboa; Porto Editora, 1992.

SOUZA, C. A. de. [et al], **Tutoria na Educação a distância**. <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/088-TC-C2.htm>, 15 de setembro 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

THERRIEN, J. “**A natureza reflexiva da prática docente:** elementos da identidade profissional e do saber da experiência docente”. Revista Educação em Debate. FAGED/UFC, V. 20, nº. 34, p. 5-10.1997b.

THERRIEN, J. & LOIOLA, F.A. Considerações **em torno da relação entre autonomia, saber de experiência e competência docente no contexto da ética profissional.** XVI EPENN. CD-Rom. Aracaju, Se. 2003.

RENNER, W. Post-Fordist visions and technological solutions: educacional technology and the labour process. **Distance Education**, vol. 16, n. 2, 1995. Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001. p. 54-73.

SALDANHA, L. C. D. **Concepções e desafios na educação a distância.** ABED 05/2008

MOTA, R. **A Universidade Aberta do Brasil.** In: Frederic M. Litto; Marcos Formiga. (Org.). Educação a Distância - O Estado da Arte. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008, v., p. 297-303.

MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa Social - Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

PRETI, O. **Educação a distância:** uma prática educativa mediadora e mediatizada. In: PRETI, Oreste. Educação a Distância: inícios e indícios de um percurso. Cuiabá: NEAD/IE – UFMT, 1996. Pgs. 15-56.

PETERS, O. **Didática do ensino a distância.** São Leopoldo: Unisinos, 2001.

PINHEIRO, T.S.M, PINHEIRO A.C.M., BATISTA, J.B, YOUNG, R.S., BORGES NETO, H. **Diretrizes para práticas pedagógicas utilizando Ambientes Virtuais de Aprendizagem como suporte a cursos (Semi)Presenciais.** Anais do IV ESUD – Congresso de Ensino Superior a Distância, UNIREDE-Universidade Virtual Pública do Brasil, Brasília, 2006.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na Formação de Professores:** Unidade Teoria e Prática? 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MAGGIO, M. **O tutor na educação a distância.** In: LITWIN, E. Educação a distância: temas para um debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MORAN, J. M. **Contribuições para uma pedagogia da educação online.** In: SILVA, M. (org). Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo, Loyola, 2003. p.39-73.

OLIVEIRA E SILVA, C. R. de; ROCHA, E. M. **Educação a distância via web:** por uma tecnopedagogia? 2009.

PALLOFF, R.; PRATT, K. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço**. Porto Alegre, Artmed, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

TERRIEN, J. e TERRIEN, A. S. “**Cultura docente e gestão pedagógica**: a racionalidade prática dos saberes do saber-fazer”. In: *Tecnologia Educacional*, 150/161, 2000. p.42-61.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

YOUNG, R. S. **A construção da identidade dos alunos na educação virtual**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, 2008.

ANEXO I - Roteiro de entrevista aplicado junto a tutores

1. Apresentação

Caro (a) Colega,

Este roteiro se constitui um instrumento da pesquisa **“Construção da identidade do tutor na educação a distância virtual”** que estamos fazendo como atividade para desenvolver a dissertação no curso de Mestrado em Educação Brasileira, no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

Solicito sua colaboração para conversarmos um pouco sobre o tema. Sua identidade será mantida em sigilo. A identificação que agora peço é apenas para auxiliar na análise das informações e facilitar contato posterior em caso de necessidade.

1. Identificação

Nome:

Email:

Idade:

Telefone:

Sexo:

2. Identificação acadêmica

Graduação:

Especialização (caso tenha):

Mestrado (caso tenha):

Doutorado (caso tenha):

3. Identificação profissional

4.1 A(s) instituição(s) que atua ou já atuou:

4.2 Tempo de trabalho em tutoria a distancia:

4.3 Tempo de trabalho no presencial:

4. O trabalho como tutor

5.1 O que motivou seu trabalho como tutor?

5.2 Como você compreende essa função? Para você, o que é ser tutor?

5.3 Seu trabalho como tutor é a principal atividade ou complemento?

5.4 Quais as atividades que você desempenha como tutor?

5.5 Se atua em mais de uma instituição, existe alguma diferença entre o trabalho desenvolvido?

5.6 Você acha que existe alguma diferenciação entre a prática docente a distância ou presencial? Justifique.

5.7 Você teve alguma preparação/formação quando iniciou seu trabalho como tutor? Se sim, essa formação ajudou de alguma forma?

5.8 Teve alguma dificuldade/problema quando assumiu a função de tutor? Quais?

5.9 Existe algum desafio (estrutura financeira, pedagógica, técnica, entre outras) a ser superado em relação à tutoria?

5.10 Você teve de desenvolver alguma habilidade e/ou saber diferenciado para o trabalho como tutor?

5.11 Você considera seu trabalho como tutor valorizado socialmente?

5.12 Como os alunos se referem a você?

5. Gostaria de acrescentar algum comentário?

ANEXO II - ENTREVISTAS

Entrevista com tutora T1

O que foi que motivou o teu trabalho como tutor?

T1: Bem na verdade assim eu fiquei sabendo da, da possibilidade da experiência na tutoria através de um curso que eu fiz lá na UFC Virtual né, um curso de formação né de tutores e assim eu já tinha uma, uma, um desejo de atuar na docência no ensino superior né, e aí foi uma oportunidade de ter um primeiro contato né, com o ensino superior através da tutoria né, então terminei o curso de formação de tutores, é deixa eu trazer um pouco mais aqui pra EaD, na prática né, que é diferente a gente conhece a teoria e a gente tá atuando né, é são dois momentos diferentes né, a teoria e a prática. Pra mim foi muito bom, foi uma experiência, foi uma experiência boa por que eu ia poder conhecer na prática...na Ead né.

E assim o que é que compreende, o que que você entende por o que é ser tutor?

T1 Ser tutor é ser professor (risos) dez vezes mais viu porque é muito, muito trabalhoso né, é, é um pouco diferente de ser professor presencial né, é no que concerne ao acompanhamento do alunos né, que querendo ou não tem que ser um acompanhamento mais individualizado né o que é, o que leva a ser um trabalho redobrado né, porque não é só avaliação somativa né, que seria a prova, a gente não avalia só com prova, agente tem que tá acompanhando os fóruns, chat, então até é essa questão de avaliação né, é uma coisa que você tem que ter todo um cuidado porque avaliação no fórum tem que ter um olhar, avaliação no chat né que é uma ferramenta síncrona que tudo acontece muito rápido, você tem que ter também um outro olhar pra avaliar um aluno através dessa ferramenta, então são, são, são muitos detalhes na EaD que nem sempre a gente vê no presencial né, isso leva o tutor a ter N funções né, isso pra mim é ser professor redobrado. Nem gosto muito dessa coisa da tutoria de chamar tutor né, porque parece assim o cuidador né, parece assim uma ba, um babá né, uma ... e eu acho que é, é, é pra você ser tutor né, eu gosto de chamar professor porque tem que ter um conhecimento né, não é só, não é só aquele acompanhamento por acompanhar, por que é um curso a distância, o aluno tem que ter autonomia né, e tem que procurar o conhecimento sozinho, aquela coisa que a gente fala da autonomia né, que as vezes parece que o aluno vai ficar sozinho, não é isso, o tutor ele tem que ter conhecimento né, pra tá atuando na área, até pra dar, até pra tirar as dúvidas dos alunos né, num gosto muito desse termo tutor por conta disso, por que parece assim o cuidador né, e na verdade é um professor ... porque tem que tá dando o acompanhamento muito individualizado pros alunos, tem que ter um cuidado muito grande na hora de avaliar né? Principalmente por, por, por esse contato passo a passo ser ser um pouco mer, ser bem menor do que o ensino presencial né, o tempo também de aula é muito menor que um curso presencial né, que geralmente uma disciplina no curso presencial dura o que, 4 meses né? Por semestre um curso a distancia dependendo da disciplina 1 mês 2 meses né? A gente só tem dois

encontros, então o contato com os alunos “pre” presencialmente é um pouco menor, entretanto, os laços são estreitados por conta do ambiente virtual, né? Dos contatos que a gente tá trocando todos os dias, pelo menos eu, enquanto tutora, eu não tenho hora para atender aos meus alunos, diferente do ensino presencial que às vezes cê atua ali em sala de aula de aula chega em casa não existe mais né? Seus alunos, existe sua casa sua vida pessoal né? Quando você é tutor não é assim, é você não tem hora para atender os alunos, pode ser de noite o horário que você estiver online você tá atendendo os alunos é, cê tá dando, cê tá olhando, e tá tentando tirar as dúvidas dos alunos, é nos fóruns, então eu pelo menos, enquanto tutora, eu tenho esse cuidado né? De tá sempre acompanhando. (Janete: As atividades que você desempenha como tutor é que justifica essas falas aí ... contempladas).

Janete: Assim é tu atua nessa atividade como tutorial, como, como tua atividade ... ou é só complementar ... ?

T1: Essa atividade de tutorial é só complementar né, porque como também não tem o vínculo né, não tem o vínculo com a instituição, a gente... pra ministrar a disciplina né, então é impossível assim você, embora eu acredite, que deveria é, é primeiro ser relevada essa questão do tutor, né do contrato ... do tutor né? Porque é um trabalho muito grande, às vezes assim você passa horas assim, o dia inteiro no computador para atender a demanda dos alunos e assim que você recebe de retorno as vezes não dá para você se manter, então o tutor ele tem que buscar outras coisas né, ele não pode viver da tutoria né pelo menos assim na atual é (Janete: no contexto). No atual contexto, hoje não dá para viver da tutoria tem que ter uma atividade complementar né, é,

Janete: É tu atua só na UFC virtual ou tu tem outras instituições que (a T1 inicia sua resposta)

T1: não só na UFC Virtual.

Janete: É existe alguma diferença né entre a prática docente presencial e a distância?

T1: Existe. É como eu te falei, né assim, a presencial é as vezes até o contato com os alunos restringe um pouco ao ambiente de sala de aula né, é, avaliação é diferente é né, é, é, é, que seria presencialmente ... acompanhamento individualizado no ensino a distância você né, que dá esse acompanhamento individualizado para os alunos né, é, é, contato é mai, é os laços são estreitados porque você está sempre em contato por e-mail, por fórum, por chat né, é, quebra um pouco essa coisa das hierarquias também, tipo eu não, quando professora tutora eu não me vejo com grau de superioridade aos meus alunos tipo a gente tá lá trocando ideias e aprendendo junto um pouco diferente do que eu vejo na sala de aula presencial assim você tem que manter aquela coisa da hierarquia até pra poder manter a ordem em sala né? Então né, isso a gente ver muito ainda é o que, é o que a gente vê nas escolas, nas escolas hoje né? Inclusive às vezes até na universidade, né, a gente vê isso, né professor assim uma figura é poxa professor, é uma figura meio que incontestável, né, sempre tem que saber, sempre tem que ter o

conhecimento e o conhecimento dele é o legítimo né? No virtual já é diferente é, essa hierarquia se quebra um pouco.

Janete: Dani tu falaste que quando tu entrou foi através ... tutoria né? (T1: hurum). Ai assim, esse curso de tutoria ... ?

T1: Olha, é assim, pra você começar né eu não tinha nenhum conhecimento assim a respeito da tutoria né, fui entender um pouco mais do que seria é através desse curso mesmo, assim ... com a prática do tutor, eu lia assim as teorias, mas eu acho que pra prática ele deixa a desejar ainda, por exemplo, é é uma coisa que eu acho que falta nas ... entrar um pouco mais na questão da avaliação. Muitas vezes o tutor fica perdido no momento de avaliar por que não é fácil, a gente vem de um encontro presencial e a gente entra no ensino a distância é totalmente diferente assim, porque o que acontece no presencial é uma outra realidade do que acontece na distância, os modos de avaliar tem que ser diferentes, são diferentes né, a gente fica meios que sem saber como avaliar, como é que avalia o fórum? né, como é que eu vou saber que a, é como é que eu vou avaliar um aluno que? é, é por quantidade de postagem? É pela qualidade das postagens? O aluno tem que interagir pra ele receber uma nota né, é, é uma nota boa? Né, Ele tem que tá interagindo? Ele tem que postar mais de uma vez? Como é, como é que a avaliação? Como é que é a avaliação do chat? Né, então assim isso é um pouco complicado, eu acho que deveria entrar mais essa questão também da avaliação, é do papel do tutor, as vezes assim eu acho que o tutor ele fica muito só, ao invés de o aluno se sentir só hoje em dia eu acho que eu vejo que o tutor se sente um pouco só né, embora assim os coordenadores ... mas são muitas questões que o tu, são muitas é, é muitas funções que o tutor atribuiu por tá em contato com os alunos, e as vezes ele faz função de coordenador de fórum, as vezes ele faz função de, de coordenador de, de tutor presencial né, porque tem os gestores presenciais, então as vezes ele faz essa função, ficar tirando dúvida dos alunos que as vezes no polo não tem tutor presencial, então ele tem que se virar em três pra poder ele responder as demandas dos alunos né, então acho que essas coisas deveriam ficar claras também no curso. Qual a função do tutor? Né, é como é que ele deve se dirigir aos alunos? quando é que ele deve ficar um pouco mais é, é recuar um pouco com relação as postagens ... ficar respondendo todas as postagens dos alunos? Como é que é, como é que deve ser a participação do, dos tutores né. São questões assim que eu acho que são importantes ser levantadas, que muitas vezes eu acho que o curso deixa a desejar nesse sentido assim, com relação a vivência mesmo né, os conhecimentos teóricos alguns até chegam, lá no cursos tem o conhecimento teórico, mas a gente queria ver um pouco mais na prática né, claro que dentro das diretrizes da instituição né, mas eu acho que estas questões deviam ... ficam entrando né.

Janete: Assim quando tu começou a atuar como tutora né, trabalhar com os cursos na educação a distância quais foram assim as di, teve dificuldade? Foi ...

T1: Tive assim. Primeiro momento né, assim como eu não conhecia a ferramenta né, o ambiente, o ambiente virtual né, é tive certa di, tive dificuldade pra me familiarizar né,

porque o tempo que você tem no curso é um pouco curto assim pra você se familiarizar né, então, é, é que é diferente você ter um perfil de aluno e você ter um perfil de tutor né, então tive um pouco de dificuldade com relação essa, essas mudanças de perfil assim, de me adaptar a isso, é de acompanhar os alunos no ambiente no primeiro momento, principalmente de avaliar né, qual que é a melhor forma de avaliar né, como é que eu, eu devo avaliar um aluno no fórum, no chat, no portfólio né, será que eu tenho que ser um pouco mais exigente ... quando a avaliação for feita por meio de uma determinada ferramenta? será que eu tenho que ser, tenho que manerar mais em outra? Né, então eu tinha assim dificuldade na avaliação porque é um ambiente totalmente diferente do que eu tava acostumada que era o presencial né, então foi meio que um choque assim de realidade né, quando eu passei pro a distância, e, e outras, outras dificuldades foram, essa, essa coisa também de você é, a gente tá muito acostumado no ensino presencial como eu tinha te falado né, tipo levar muito assim, num é nem que não levar pra casa assim, mas a gente, nosso contato com os alunos se limitavam né o ambiente, então você tá o tempo inteiro em contato com os alunos também ficou um pouco né, pra responder as questões, pra ter que responder tudo né, no mesmo momento né, de quando eu tenho que tá entrando né, qual era, qual é o meu, a, a carga né, qual é a minha frequência de entrada no ambiente pra atender os alunos assim.

Janete: Existe algum desafio a ser superado em relação a tutoria na questão financeira, pedagógica, técnica alguma coisa assim que venha ... ?

T1: É eu acho assim, é, em alguns polos né, em alguns polos é, existe a falta né de tutores presenciais né que dificulta muito nosso trabalho, porque como eu tinha te falado né, a gente já acumula funções né, e é muito complicado. O tutor às vezes, ele deixa de dar um acompanhamento de qualidade pro aluno porque ele tem que resolver problemas burocráticos né, que não seria função do tutor né, o tutor tem que tá acompanhando com relação a conteúdo né, tirando dúvidas do conteúdo né enfim né, e não resolvendo questões administrativas né, é estrutura financeira, é acredito que é (risos) salário né, é salário não é, não é lá essas coisas assim realmente é acho que deveria ter um investimento maior no tutor né, até porque o trabalho é muito grande e como eu tinha te falado porque é um trabalho complementar, todos os tutores que estão atuando, ao menos os que eu conheço, os que eu tenho contato, eles tão aqui porque é uma atividade complementar, é uma complementação de renda né, eles não usam isso como uma, uma renda assim fixa não é né, é impossível sobreviver com a tutoria né, porque é um trabalho peri, é de período assim né, você não tem um, um, um contrato algo assim, você só é contratado pra ministrar a disciplina e só né, e ai a partir do semestre que vem é a mesma coisa, faz um novo contrato e você ministra a disciplina de novo né, não tem um, um vínculo com a instituição né, isso é complicado porque é, isso dá uma consequência, isso é dá consequências é, por exemplo na questão das pesquisas que não existe assim com os alunos, né os alunos, é o tempo que falta em ensinar EaD ... às vezes nos alunos o ensino é ótimo, é de qualidade tudo, é acho que o material é bom né, mas é eu sinto que por exemplo falta investimento de incentivo a pesquisa né, os alunos eles não é, é tem essa coisa da pesquisa sabe, não são instigados a pesquisar

né, eles não formam grupos de pesquisa como a gente vê aqui na universidade, no ensino presencial né, que existem grupos de pesquisa os alunos se reúnem eles vão à biblioteca, por exemplo, a questão da biblioteca, existem bibliotecas nas escolas? Como é que são essas bibliotecas? As vezes a gente chega pra dar aula e não tem os recursos tecnológicos que são necessários pra gente dar aula tipo data show né, é, é um computador com internet, tem computador, mas as vezes o computador é lento, ou tá com problema, ou tá com vírus sei lá, e não tem o pessoal do suporte fixo pra tá dando um acompanhamento né, um suporte pra esse polo é, então o tutor tem que se virar né, além de tudo ele tem que ser muito criativo pra poder né passar por cima dessas coisas, dessas dificuldades que existem né.

Janete: Mas assim, tu acha que pra atuar né como tutor ... tem que desenvolver alguma habilidade, alguma competência é (interrupção externa) alguma habilidade, um saber diferenciado pra atuar como tutor?

T1: Humm, ... acho que conhecimentos relacionados aos conteúdos que ele vai ministrar né, ele tem que ter segurança no que ele vai é, conhecimento é, é né nem assim conhecimento, mas assim ter uma familiaridade com a tecnologia e com o ambiente né, porque a gente vê assim muitos professores né, eu tenho a sorte de é ter um contato muito grande com a tecnologia então, mas nem todos tem essa realidade, tem professores que né, é, é não tem essa familiaridade com o ambiente, não conhecem o ambiente, nunca usaram o ambiente virtual, então é, é um primeiro momento, então acho que devia pensar em preparar mais o professor pra utilizar as tecnologias né, no caso utilizar por exemplo um objeto educacional né que seriam os recursos digitais né, e ele não tem esse preparo assim, ele até, até tem o conhecimento, mas como ele tem dificuldade em lidar com a tecnologia ele acaba é ficando inseguro até, é no repasse dos conteúdos, sabe trabalho com os conteúdos né, não é nem no repasse, mas no trabalho com os conteúdos, ele fica um pouco limitado.

Janete: Como é que tu vê assim, acha que socialmente ...?

T1: Olha eu acho que existe um preconceito muito grande assim é, é até com essa coisa de tutor professor né, essas, essas denominações assim, às vezes eu sinto que ... que o tutor, ele não é um professor né, ele é, tá ali acompanhando os alunos, mas não é professor né, tipo ele tá ali só vigiando os alunos ou incentivando pra que postem, pra que estejam interagindo né, quando na verdade não é isso, ao menos eu enquanto tutora não tento ser uma cuidadora sabe, até posso ter um cuidado com os meus alunos né, tento ter uma relação afetiva com eles assim, até pra estreitar os laços também né, pra facilitar essas coisas da comunicação e, e do contato mesmo com os alunos.

Janete: Como é que eles te veem, os alunos?

T1: Assim ... como tutora? (Janete: é assim, tá atuando lá na disciplina, assim como é que eles te tratam? ...) Assim como eu te falei né, não sei se é por conta da minha metodologia né, das coisas que eu tento colocar desde o começo da disciplina, mas eles

me veem como professora mesmo, assim até, poxa o respeito que eles tem por mim né, da forma como a gente tá interagindo, sabe é sempre é, é, é sempre uma relação de professor e aluno né, então pra mim tutor é professor né, independente das denominações, mas assim eu vejo que a sociedade assim quando a gente fala em tutor parece assim o cuidador né, tem um preconceito muito grande com o tutor, parece assim uma pessoa que não tem, não precisa ter muito conhecimento né, as vezes eu escuto assim muita gente falar né que há as vezes parece que o, o tutor ele não tem que ter muito conhecimento da área né, as vezes tem que ter mais conhecimento dos recursos tecnológicos do que o próprio assunto que tá sendo é, é trabalhado né, e não é assim né, eu não vejo assim, eu acho que tem que ter o conhecimento tecnológico, tem que ter o domínio da tecnologia e tem que ter o domínio do conteúdo né, até pra ele ser chamado ... enquanto professor, pra gente se vê enquanto professor a gente tem que ter essa segurança né, porque que a gente tá trabalhando né, em sala de aula virtual né ... pros alunos sentirem né, eles falam muito que as vezes sentem quando o tutor começa a disciplina né, e às vezes eles sentem quando o tutor, ele não tá preparado pra ministrar aquele, aquela disciplina né, eles sentem isso assim, eles sentem quando ele não preparou nada né, porque a gente também prepara aula embora as aulas estejam postadas lá, exista um planejamento e tudo, já é anterior o nosso trabalho porque não somos nós que fazemos o conteúdo né, nós já recebemos o conteúdo pronto e a gente trabalha em cima do que tá pronto né, eu acho assim, até um pouco, nem concordo um pouco com isso, eu acho que o tutor, ele devia participar mais da construção desse conteúdo né, afinal somos nós que vamos estar trabalhando com ele né, no meio virtual, então assim muitos alunos me dizem isso que sentem que os professores, eles não estão, não tem conhecimento do conteúdo que eles estão ministrando, às vezes nem vem às aulas né, tão lá só acompanhando mesmo, tão só fazendo o acompanhamento, são cuidadores né, talvez venha daí esse estigma né, então, eles, eles sentem isso assim, às vezes muitos dos tutores, eles não se preparam para estar com eles no ambiente virtual né, então eles sentem quando o tutor num, não responde os questionamentos deles né, num traz uma coisa nova, que embora o conteúdo esteja pronto a gente tem uma autonomia ainda que limitada pra levar mais coisas novas para os nossos alunos, pra sugerir atividades né pra, isso pra dar uma dinamicidade ao ambiente e tudo, então, às vezes, às vezes eu acho que falta essa coisa de, do tutor mesmo ter uma autonomia né, a gente fala tanto de autonomia, autonomia na EaD e tal, e às vezes a gente, nem, nem a gente mesmo enquanto tutor sabe utilizar essa autonomia né. Pronto, eu acho que uma coisa também que devia ser muito trabalhada no curso de tutoria né, de formação de tutores, essa questão da autonomia que nós viemos de um, de uma modalidade de ensino né, e isso é até histórico assim, o professor, ele não aprendeu a ser autônomo né, a gente tinha os livros didáticos né, ... lá né, nem o professor sabe ser autônomo, então trabalhar essa autonomia ... que se deseja na EaD né, que tanto se pede na EaD do aluno né, o professor tem que entender o que que é essa autonomia também. Muitas vezes nem o professor sabe lidar com isso né, então acho que isso também deveria ser uma questão muito trabalhada

Entrevista com tutora T2

Janete: é que que o estudo teu estudo foi uma tutoria né? “T2 diz hum” e que eu vou trabalhar na minha dissertação é a identidade desse profissional dentro da educação a distancia, como é que tá sendo construída, como está sendo vista pela sociedade, como que o que o público tutor tão construindo sua própria identidade ai tem uma pergunta que a gente vai conversar pra poder ajudar na minha dissertação ok?

T2: ok ...

Janete:... É me pergunte..

T2: pode falar depois eu falo

Janete: Primeiro T2, assim no que que tu ver no que que te motivou a trabalhar como tutora?

T2: Primeiro foi a curiosidade né, inicialmente que eu não conhecia tinha uma certa desconfiança com a questão da educação a distancia não acreditar ate eu vim pra cá e realmente trabalhar como design na correção dos materiais assim fazer correção núcleo e ensino nada assim de tutor nem como funcional do processo e nem tinha uma visural de como era essas coisas andava depois eu fui convidada a fazer um curso de formação para tutor depois que eu fiz o curso que eu fui tipo que eu comecei a ter uma visão mais ampla do que era o papel do tutor mesmo dentro da disciplina e quando você atua é que você consegue ver melhor ainda como é que procede as coisas como é que o tutor atua mesmo.

Janete: Tu acha que esse curso que tu fez assim curso de formação pra tutor ele é suficiente ?

T2: No na época que eu fiz ele não foi suficiente para me ajudar na (fala de Janete) pra quem tá iniciando (T2 retoma) é pra quem tá iniciando quem não tem a questão da ambientação que não conhece muito o ambiente virtual até o processo mesmo ele não foi suficiente pra auxiliar, mas já houve muitas mudanças nele agora e e já tão tá bem melhor agora melhora bastante

Janete: Como tu ver assim a questão do tutor como é que tu compreende passando por esse profissional?

T2: Ele é na minha visão ele é o elo com os alunos então ele é o representante da instituição se ele não vai bem não é professor tutor que não vai bem é a instituição como um todo que não funciona o aluno vê o tutor como representante da instituição ele não vê ele separado né ele vê o todo ... funciona o instituto que não vai funcionar independente da universidade que ele esteja alinhado.

Janete: trabalho assim que tipo tu é a tua principal fonte de renda ou é complemento?

T2: é complemento atualmente né a principal seria o de design aqui que eu sou bolsista

Janete: e como é que tu desempenha a atividade como tutor como é que se dá essa atividade?

T2: Bem é hein é em que sentido assim o meu como é o processo diante da aula

Janete: é

T2: Assim eu procuro né, levar sempre o melhor melhor pros alunos sempre deixar eles bem atualizados de como é que tá funcionando as coisas sempre buscar motivá-los né por que é é essa questão da motivação também tem que existir que eles alguns desist... é acabam se desestimulando né com as coisas coisas anteriores que venham a acontecer sempre procuro ta bem bem atualizado deixa eles bem a par de tudo procurar tá sempre presente no ambiente responde-los o mais rápido que eu puder de resposta nunca deixa eles sozinhos procurar sempre coisas novas diante daquilo que eu estou trabalhando com eles né dependendo do conteúdo que eu tiver trabalhando e do que for o foco também do aluno naquele caso

Janete: É além de desempenhar esse papel de tutoria aqui tu desempenha em outro local?

T2: Não só aqui

Janete: E tu acha que existe alguma diferença do trabalho da prática presencial e a distância?

T2: Existe. O é assim existe tutores que são muito mais presente ou igual ao professores no ensino presencial acho que é assim dão muito mais suporte uma coisa muito mais individualizada do que no num ensino presencial exemplo mesmo é a minha graduação assim o professor chegava dava aula entendeu bem não entendeu se vira vai atrás vai correr o livro vai de tirar xerox se vire se vire literalmente ensino a distancia já vejo que eles tem maior preocupação mesmo com aluno, esse vínculo mesmo do professor com o aluno com o tutor

Janete: E assim quando tu começou a trabalhar como tutora ai fez esse curso de formação tu acha que ele ajudou?

T2: No início?

Janete: No início

T2: Eu que claro ele te deu uma base ele me deu uma base pra mim começar mas não foi suficiente teve algumas coisas que eu sentir falta e que eu tive que recorrer a outras pessoas que já tinham mais experiência para poder esclarecer as minhas dúvidas. Sozinha assim n sei se eu teria capacidade de desempenhar muito bem a minha função

pela questão da gente não conhecer o ambiente e até a questão da estrutura do ambiente mesmo que eu não conhecia direito como é que funcionava

Janete: Assim quais foram as principais dificuldades né?

T2: Teve a questão também do é da questão burocrática de algumas coisas que eu não conhecia da própria gestão mesmo da UAB e de questões tecnológicas mesmo de dentro do ambiente que eu não sabia gerenciar dentro do ambiente né não tinha muito noção tava ali meio que estático algumas coisas mesmo muito pequenas q eu sabia como mudar ate colorir sei lá pintar enfeitar essas coisas né n sabia muito bem ate porque era muito estática a disciplina n tinha muito dinâmica no parar assim da sala de aula digamos

T2: É com experiência e o com o tempo foi vinda pra cá né e como bolsista foi que eu passei a ter bastante assim não todo mas muito melhorei bastante com relação ao domínio de deixar o ambiente mais dinâmico né de poder acrescentar mais coisas tirar mais coisas colocar uma caixa ali outra acolá incrementar textos figuras.

Janete: Com relação o desafio da postura financeira, física, ao lado pedagógico, tu acha que tem alguma coisa assim que a tutoria e que o tutor tem que repassar e... superar

T2: Eu acho que nesse momento agora é a questão q eu n vejo o reconhecimento por mais que o governo e tal tenha todas essas questões já está bastante implementada o sistema da UAB ainda há insegurança do reconhecimento será que si no governo posterior o programa vai continuar essas questões também né e também da questão lógico do valor da bolsa é insuficiente pro trabalho que ele tem pro trabalho que do tutor que se dedica mesmo aquela disciplina como a gente tem muitos casos aqui é insuficiente pro valor que ele ganha. É incompatível.

Janete: A maioria é complementar

T2: É complementar o pessoal não pode se dedicar exclusivamente e acaba que por ser complementar o pessoal acaba não se doando tanto porque não tem como não tem tempo porque ela tem que se dedicar pro que tá né segurando né ela sustentando ela e acaba deixando de lado aqui a tutoria

Janete: É pra desempenhar essa função de tutor né esse trabalho com a tutoria tem que ter alguma habilidade um saber diferenciado ou?

T2: Tem que ter eu acho que tem que ter muita flexibilidade questão de tempo mesmo tem que conhecer o ambiente se ela não souber mexer todo digamos na parte tecnológica mesmo do ambiente mas ela ter pelo menos a noção do que que é assim bem maior né não igual ao alunos “bem” maior mesmo. Questão do conteúdo também né de conhecer como é que se procede às aulas e tudo mais eu acho que o tutor tem que ter essa visão de como é que ele como é construído esse processo todo das aulas pra que ele possa ate é argumentar junto aos alunos e ter o domínio mesmo do conteúdo né que

não é que o aluno é do interior que o aluno veio da escola pública que ele não vai reconhecer tem muitos alunos bom mesmo que você fica admirado que ele questiona que ele fala que ele aponta erro né então o tutor tem que ter esse domínio também do conteúdo

Janete: Como é que os alunos se referem ao que que a você como eles se referem a você como é que eles te vêem?

T2: No meu caso eles alguns me chamam de professora outros me chamam de T2 mesmo, mas eles têm respeito independente da idade tem alguns alunos bem mais velhos do que eu e eles tem respeito eles me vêem mesmo como professora da turma

Janete: Como professora né?

T2: É como professora da turma

Janete: Que como tu tava falando que não é o trabalho não é visto não é valorizado né como é que tu vê assim pela tua experiência é o papel desse tutor socialmente como é que ele é visto?

T2: Atualmente é eu não é já mudou bastante eu acho que desde do início quando eu entrei assim já li bastante também já vi entrevista de pessoas comentando ele até agora ele tá começando a construir essa questão mesmo da identidade que ele é o professor da turma e não que ele é um simples como se fosse um guia uma pessoa que o aluno tem assim a quem se referir aonde ir assim né como se fosse uma luz pro alunos, mas não, ele é professor que vai lá dar o conteúdo que faz prova que corrige que pro fizesse ele tá se construindo eu acredito que sim essa essa visão do tutor não ser um tutor porque essa palavra tb não me agrada muito eu vejo o tutor como é o tutor parece uma pessoa assim que ganhou a causa na justiça e rrsrrsrs e tá tá só gerenciando aquela pessoa pro lado e pro outro assim sem muita influencia né eu acho que eles tão vendo mais como professor mesmo que vai lá dá aula

Janete: Assim em linhas gerais T2 perai assim você queria acrescentar alguma coisa algum comentário sobre tutoria

T2: Sobre tutoria? Não

Entrevista com tutora T3

O que motivou seu trabalho como tutor?

T3 Já ser professora e gostar de tecnologia.

Como você compreende essa função?

T3 Tem uma carga muito maior do que um professor da presencial, pois através das ferramentas tecnológicas além de todo o conteúdo, precisamos evitar a evasão, estimulando o aluno de diversas formas.

Seu trabalho como tutor é a principal atividade ou complemento?

T3 Principal

Quais as atividades que você desempenha como tutor?

T3 Tirar dúvidas no fórum, responder emails, torpedos e outras mensagens, corrigir provas e trabalhos, atender ao aluno pessoalmente e por telefone, ir aos encontros presenciais.

Se atua em mais de uma instituição, existe alguma diferença entre o trabalho desenvolvido?

T3 Sim, na instituição particular faço todas as tarefas do item 4.4, na Estadual apenas não corrijo as provas e raramente vou aos encontros presenciais, e nem atendo aluno pessoalmente porque o pólo é no interior do Estado.

T3 Você acha que existe alguma diferenciação entre a prática docente a distância ou presencial? Justifique.

Sim, mas apenas na adequação da metodologia a ser aplicada, pois a distância ele irá contar com outros recursos que normalmente não usa na presencial.

T3 Você teve alguma preparação quando iniciou seu trabalho como tutor? Se sim, essa formação ajudou de alguma forma?

Tive um curso de formação de tutor. Ajudou sim, pois não tinha nenhuma prática com tutoria.

T3 Teve alguma dificuldade/problema quando assumiu a função de tutor? Quais?

Sim, primeiro porque não temos uma identidade muito bem definida, somos professores com todos os “ atributos “ , mas não somos docentes da Instituição, e isso as vezes atrapalha o relacionamento com o aluno que muitas vezes vê o tutor como um monitor e os próprios professores(alguns) não vêem com bons olhos a tutoria, pois muitos temem perder a sua turma presencial ou quando este atua em EAD, temem perder o seu “ prestígio “ de docente para o tutor.

T3 Existe algum desafio (estrutura financeira, pedagógica, técnica, entre outras) a ser superado em relação à tutoria?

Sim , estrutura financeira, pois se o tutor faz a maioria das funções de professor, o salário deveria ser melhor, na parte técnica e pedagógica a Instituição deveria sempre oferecer cursos de capacitação e outro desafio na Instituição particular, é o número de alunos que é muito grande, dificultando um melhor acompanhamento do aluno por parte da tutoria.

Você teve de desenvolver alguma habilidade e/ou saber diferenciado para o trabalho como tutor?

T3 O “ aparato “ tecnológico já conhecia um pouco, o que tive que desenvolver foi saber utilizar melhor as ferramentas disponíveis para uma melhor interação e mediação.

Você considera seu trabalho como tutor valorizado socialmente?

T3 Não muito, por isso é preciso uma definição melhor do que é um tutor, onde ele se enquadra, quais são suas verdadeiras funções, qual o seu plano de cargos e carreira, etc.

Como os alunos se referem a você?

T3 É bem variado, mas normalmente chamam de professora, pois sou eu quem os acompanham todos os dias.

Gostaria de acrescentar algum comentário?

T3 Gosto muito de ser tutora, apesar de todos os conflitos, tudo quando começa é assim mesmo. Espero que melhore!

Entrevista com tutora T4

O que motivou seu trabalho como tutor?

T4 A oportunidade de trabalhar com EaD que gosto e acredito na possibilidade expandir o ensino superior.

Como você compreende essa função?

T4 Uma função docente e não muito diferente da presencial, pois professor é sempre um professor, não importa a modalidade.

Seu trabalho como tutor é a principal atividade ou complemento?

T4 Com certeza complemento, pois INFELIZMENTE não é valorizado financeiramente como deveria ser.

Quais as atividades que você desempenha como tutor?

T4 Dar aulas, orientar, avaliar etc.

Se atua em mais de uma instituição, existe alguma diferença entre o trabalho desenvolvido?

T4 Sim. Desde a plataforma a concepção de EaD.

Você acha que existe alguma diferenciação entre a prática docente a distância ou presencial? Justifique.

T4 Não. Para mim, mas isso vai depender de tutor para tutor.

Você teve alguma preparação quando iniciou seu trabalho como tutor? Se sim, essa formação ajudou de alguma forma?

T4 Sim. Já fiz vários cursos, inclusive em cada uma dessas instituições citadas.

Teve alguma dificuldade/problema quando assumiu a função de tutor? Quais?

T4 Não. Sempre me dei muito bem, aliás gosto mais que na presencial.

Existe algum desafio (estrutura financeira, pedagógica, técnica, entre outras) a ser superado em relação à tutoria?

T4 Todas as citadas acima valem como desafios.

Você teve de desenvolver alguma habilidade e/ou saber diferenciado para o trabalho como tutor?

T4 sim. Foi preciso estudar sobre eaD, AVAS, e saberes diversos sobre metodologias e tecnologias

Você considera seu trabalho como tutor valorizado socialmente?

T4 De forma alguma, nem pela sociedade e muito menos pelo Governo.

Como os alunos se referem a você?

T4 Professora. Eles são conscientes e respeitosos, disso não posso me queixar.

Gostaria de acrescentar algum comentário?

T4 Sim. Valorizar do tutor, pois ele é um professor.

Entrevista com tutora T5

O que motivou seu trabalho como tutor?

T5 O curso que fiz de Tutoria

Como você compreende essa função?

T5 Mediadora do ensino

Seu trabalho como tutor é a principal atividade ou complemento?

T5 Principal atividade

Quais as atividades que você desempenha como tutor?

T5 Dar aula nos encontros presenciais, acompanhar as aulas dos alunos através do site, avaliar os alunos e mediar o aprendizado.

Se atua em mais de uma instituição, existe alguma diferença entre o trabalho desenvolvido?X

Você acha que existe alguma diferenciação entre a prática docente a distância ou presencial? Justifique.

T5 Acho que a prática a distância requer mais atenção no sentido de que não há cobranças.

Você teve alguma preparação quando iniciou seu trabalho como tutor? Se sim, essa formação ajudou de alguma forma?

T5 Fiz o curso para formação de tutores.Foi o que me fez despertar para esta área.

Teve alguma dificuldade/problema quando assumiu a função de tutor? Quais?

T5 Não tive dificuldades, pois o curso me norteou demais.

Existe algum desafio (estrutura financeira, pedagógica, técnica, entre outras) a ser superado em relação à tutoria?

T5 A parte física dos pólos.

Você teve de desenvolver alguma habilidade e/ou saber diferenciado para o trabalho como tutor?

T5 Sim, conhecimentos de informática.Tabelas.

Você considera seu trabalho como tutor valorizado socialmente?

T5 Sim

Como os alunos se referem a você? Professora

Entrevista com tutora T6

Instituição que atuou?

X e na Y e agora eu estou na Z. A Z ela não trabalha com Educação à distância, mas é assim, o aluno que não é aprovado no semestre normal, por exemplo, ele ficou reprovado, no próximo semestre a disciplina que falta dois, três alunos, a disciplina não é ofertada em caráter presencial, é tutoria. Lá é esse sistema, difere dos outros, por que a X não, são cursos na modalidade que fez, faz de novo, mas na mesma modalidade. Na Z tem esse diferencial, porque faz a disciplina presencial, fica reprovado ou por falta ou por nota, na próxima oferta você vai e faz à distância, aí você tem encontros com professor, questão de prova, trabalho, tudo é presencial. É diferente a Z, porque eles chamam horário... o horário dele é todo quebrado, você dá uma disciplina normal... lá uma disciplina, o normal são oitenta horas, de tecnologias são oitenta horas e tem encontro... e como é uma faculdade voltada para o mercado de trabalho, tem as práticas profissionais, tem aulas que é voltada só para o conteúdo do mercado de trabalho, que é diferencial. E aí entra a tutoria, a tutoria tem que... você tem que fazer um artigo que seja voltado para a modalidade a distância, que seja voltado para a disciplina e voltado para as práticas. Lá é puxado!

2- Tempo de trabalho em tutoria à distância?

Eu estou há cinco anos. Eu sou uma das... eu comecei na primeira turma, começou em 2005, aí eu já tô desde a primeira turma. Eu adoro o virtual.

3- Antes de trabalhar como tutor a distância, já trabalhou presencial?

Tive só como monitor, só como monitoria aqui da disciplina de psicologia com a professora Neide, e também assumi uma 3º série de um colégio da rede pública, município. Pronto, só foram essas experiências no presencial, o resto foi tudo à distância.

4- Como surgiu a oportunidade para atuar como tutor distância, o que motivou, o que chamou atenção?

Não, eu comecei nessa dieta em 2005, e todas as reuniões, assim dos professores mesmo do presencial, elas tinham... as reuniões eram todas virtuais, pelo Teleduc, aí, aquilo foi me interessando, porque assim, os professores eles não tinham tempo de se reunir presencialmente, as reuniões eram todas pelo virtual, a gente... aí eu tinha um coordenador e eu era... eu vinha logo abaixo dele porque eu era a pedagoga do curso de comunicação social e aí ele dizia: “marca com os professores no virtual, marca não sei o que”, aí foi me motivando a trabalhar no virtual, a me interessar pelo virtual. Depois eu comecei na X, logo na tutoria, comecei a ver essas questões no virtual, também fiz um curso de comunidade virtual que era todo por essa plataforma dos softwares. Aí, foi me chamando atenção todas essas questões da tutoria, essas questões de saber como era que o professor atuava, como era a relação com os alunos, então eu quis... “eu quero isso pra mim, eu quero dar aula nessa modalidade, eu quero investigar tudo isso”, deixei o presencial de lado, só trazendo por virtual. Isso foi que me motivou a fazer cursos, a trabalhar com isso como pedagoga, foi o começo. Foi mesmo com o pessoal da X que ofereceu para o professor fazer o que queria no curso, e de lá pra cá eu já venho atuando.

5- Como vê a função do profissional (tutor) atualmente?

Eu acho desvalorizada, muito, porque assim, a gente mesmo, desde o começo que o tutor é chamado de monitor, eu acho isso... eu não gosto dessa denominação de monitor, porque assim o professor, o tutor, ele trabalha até mais do que o professor conteudista, por que o conteudista ele elabora o material didático, o tutor também. Muitas vezes o professor conteudista, no nosso caso a gente chama professor conteudista, chama o tutor para elaborar junto com ele, então o tutor elabora o material, o tutor faz o plano, o tutor dar a aula, o tutor corrigi a prova e a gente é chamado de monitor, eu não suporto essa denominação, eu acho que a gente é totalmente desvalorizado. A questão financeira também é desvalorizada, se você não gostar dessa profissão você não continua. Eu gosto, eu sei que ganha pouco, mas eu não deixo, eu gosto, porque eu acredito que vai mudar, até porque está iniciando, a gente é pioneira agora, então a gente muda, mas agora é um longo caminho ainda pra mudar.

6- Tutor é atividade principal ou complementar?

É o principal. Porque eu comecei agora como professora do presencial, mas eu comecei minha formação..., ele esta em primeiro lugar, tutoria.

8- Atividades desempenhadas?

Eu mudo dependente de instituição, por exemplo, na X eu atuo como tutora da seguinte forma: eu já recebo tudo dentro do ambiente virtual, a agenda já está feita, os materiais estão lá, está tudo feito na X; na Y é diferente, sou eu que faço agenda semanal, sou eu que monto as atividades, sou eu quem crio os fóruns, tudo depende do meu planejamento como tutor, se eu fizer um planejamento mal feito, mal organizado, conseqüência para os alunos. Na X não, eu ainda tenho a quem recorrer, eu vejo que o material está mal elaborado, eu vejo que a agenda está com as datas erradas, eu chego por conteudista e digo: isso aqui está errado, vamos mudar enquanto não está em andamento. Na Y não, tudo depende de mim, porque eles só me entregam a sala aberta, mas me entregam a sala vazia, então eu tenho que fazer a agenda, eu coloco aviso no mural, tudo tem que partir de mim. E na Z é diferente, este ano a gente está com o moodle, o moodle ainda esta passando por reformulações e a gente ainda não está aderindo ao moodle, porque os alunos não têm a cultura digital necessária para isso, eles também não trabalham com educação à distância assim, pelo Mec. O MEC não abriu a instituição para trabalhar com educação à distância, a gente está trabalhando essa modalidade, o moodle está aberto, mas a gente ainda está aderindo essa cultura, a gente ainda está trabalhando a educação à distância por e-mail, ainda é um pouco retrogrado em relação ao MEC e em relação ao virtual.

9- A atuação à distância e presencial?

É bem diferente, porque, por exemplo, esse ano é o primeiro ano que eu estou na sala de aula de uma instituição superior, vai fazer um ano agora em agosto, é aí, por exemplo, a minha prática é totalmente diferente, você ver que você pode ser um bom professor na modalidade presencial, se você não tiver esses artifícios, você também não conseguir ser na modalidade à distância. Eu trabalho totalmente diferente, eu uso técnicas totalmente diferentes pra trabalhar na modalidade presencial, porque no virtual eu vou partir do

pressuposto que o aluno tem que aprender a mexer com a tecnologia, ainda tem, por exemplo, o professor, ele tem que saber tudo da tecnologia, tem que dominar o conteúdo, tem que dominar várias coisas. No presencial não, o professor está na sala de aula, domina o conteúdo aí, ele vai trabalhando diversas metodologias e aplicando algumas técnicas diferenciadas, agora no virtual é muito mais o professor que tem que balancear tecnologia, conteúdo e outras coisas ainda.

10- Preparação para atuar como tutor e como foi?

Os cursos foram aprovados em 2005 na UAB, eu fiz parte da primeira turma de formação do estudo pra iniciação do curso formador de tutores para EAD. Eu fui aluna da primeira turma e já comecei a atuar como tutora, formação de tutores já na segunda turma. Era um curso de quatro meses, dos que eu fiz foi aprovado, eu fiz logo o curso, eu fiz curso básico, a gente viu introdução a EAD, a gente viu formação de tutor, a gente viu a questão da interação, a gente viu a questão do material dado, a gente viu a questão dos ambientes virtuais, a gente viu séries de conteúdos que a gente está utilizando agora. Foi básico e acho que só o curso não é suficiente, mas aí eu fui lendo eu já tinha alguma base, justamente por essas formações que eu fiz, que eu fiz lá no instituto, eu fiz curso de comunidade virtual, eu fiz curso de projetos pela internet, então fui adquirido outras referências, ai facilitou. Tudo eu fiz na mesma época, um atrás do outro, aí facilitou. Muitas pessoas consideram a tutoria em si, porque não consideram a educação como objetivo principal, eu como pedagoga não vejo a tutoria como bico. Por exemplo, tem gente na tutoria..., eu estava em São Gonçalo semana passada e administrador, economista, eles têm a formação, eles trabalham de manhã em empresas, trabalham, o rapaz trabalha, mas a noite ele vai dar aula na UAB, pra ele, ele diz que é bico, ele não tem formação pedagógica, ele é economista, o outro é administrador. Por isso que o negócio não dá certo. Ele até comentou comigo, “ah, eu não aumento o nível das discussões porque os alunos não querem nada”, aí eu disse que “mas é aí que você tem que mostrar o contrário, justamente porque você está fazendo a tutoria como um bico”. Eu já vejo diferente.

Janete: E você chega desestimulado, como é que você vai estimular um grupo que já tem, digamos assim, não é rotulando, mas que é do meio rural, que esta conhecendo

uma coisa, que chegou nova para eles, que já vem como uma coisa difícil, que eles não estão tão capazes para isso, por isso que estão lá.

Sabe por que, porque eles ainda têm a noção da ead como uma categoria, eles vêm a ead como educação complementar, e não é, é uma educação paralela. Hoje a educação é paralela, presencial e virtual, por que existe graduação, existe formação, existem mestrado e doutorado, então se você for prestar atenção você não pode ver educação à distância como ela complementar ou presencial, porque se ela for complementar não vai ser um curso de graduação, vai ser um curso de aperfeiçoamento. Você tem que saber quais são..., o que você quer, você quer um curso, você quer um aperfeiçoamento. Geralmente as pessoas quando entram nesses cursos, elas já acham que não é um curso que não precisam ter visto tudo. Eu sempre ouço isso, “eu trabalho a tutoria, mas eu nunca vou ver meu aluno”, pois eu vou. No começo, por exemplo, a FGF, no módulo de educação à distância e novas tecnologias eu dou tudo que precisa, mesmo que seja material complementar, as leituras, pelo menos eles podem ter a noção, se não viram, mas eles podem ir lá e ver. Eu não trato aluno de educação presencial, sempre no primeiro encontro, se tiver encontro presencial, eu sempre deixo claro que o diploma deles é o mesmo do presencial, que eles não precisam se sintam menosprezados, porque eles já vão com a baixa estima no primeiro encontro, principalmente os alunos.

11-Dificuldades?

Eu encontrei a primeira dificuldade..., pronto, eu fiz o curso de formação de tutores, quando terminou o curso de formação de tutores eu já atuei, não como tutora da UAB, mas eu atuei no curso de formação de tutores e eu peguei professores de formação do curso de doutorado. E a minha primeira dificuldade que eu pensei em desistir, não desisti pela coordenação da UFC virtual foi que um aluno doutor não aceitava eu ser formadora dele, porque eu só tinha nível de especialista, e não tinha nível de mestrado, aí criou-se uma polêmica muito grande na instituição. Ele não aceitou, ele fez o curso aos troncos e barrancos, ele menosprezou a instituição que ele estava fazendo, ele menosprezou porque era eu, aí criou uma situação muito constrangedora, mas eu consegui levar o curso até o final, porque assim, as pessoas que estavam por traz me apoiaram, então conversaram com ele em particular, porque também não era tudo, aí

levou, mas eu tenho isso até hoje. Eu vejo uma discriminação muito grande, se você tem um nível e o seu formador tem menos, você não aceita. Até hoje eu ainda vejo, eu encontro com ele e ainda vejo certa rejeição, em relação a ele, mesmo eu já tendo terminado o mestrado a rejeição continua sendo a mesma.

12- Desafios?

O financeiro como eu falei, a gente não é remunerado pelo que a gente faz, a gente também não é remunerado, nem reconhecido, porque principalmente, na UAB você tem graduação, você tem especialização, mestrado, doutorado o valor é o mesmo. A estrutura pedagógica tem bons profissionais, eu não tenho do que reclamar da estrutura pedagógica, a técnica eu acho que a gente tem que avançar um pouquinho no ambiente, eu acho que tem que ter ferramentas que proporcione maiores interações. O nosso ambiente virtual, que a gente trabalha na X, a gente tem a ferramenta de vídeo conferência, mas a gente não está utilizando, eu pelo menos não estou utilizando, em relação à Y a gente só tem as ferramentas básicas, eu acho que precisava fazer uma revisão técnica do ambiente, ele não é tão bom, não proporciona tanta interação. Eu acho que a gente tem que avançar muito na questão financeira e na questão tecnológica, ainda, porque a gente trabalhando por baixo a questão da interação, a interação não flui, mesmo com ferramentas bem básicas a interação não flui não, aí eu fico me perguntando adianta se a gente for trabalhar com vídeo conferência se o aluno não sabe trabalhar com a ferramenta correio. Enquanto eu estava ali, a aluna perguntou “como eu passo um e-mail”, ela passou em e-mail pra mim e perguntou “como eu passo um e-mail para o meu colega”, eu disse “do mesmo jeito, só clicar no nome dele”, pois é essas questões que precisam avançar ainda.

12- Habilidade que tutor precisa desenvolver?

Uma das habilidades do tutor que eu procuro desenvolver é o de perceber o não percebido. Eu sempre digo isso para os meus alunos, porque o professor, ele não ver os alunos todos os dias, então o professor, o tutor, ele não tem como perceber o estado de espírito do aluno, porque às vezes o aluno está triste, às vezes o aluno está muito alegre, às vezes o aluno... ele tem um estado de espírito, é a questão dos estímulos, ele tem um estado de espírito que às vezes o tutor, ele não percebe. Semana passada eu recebi um e-mail meio arrogante e esse aluno, ele é ótimo, aí eu pensei “o que esse aluno tem”, então

eu passei um e-mail individual para ele e perguntei o porquê da grosseria do e-mail dele, ele disse que tinha passado o dia estressado, que nada tinha dado certo. Eu acho que o professor tem que perceber essas coisas, muitas vezes, logo no início eu queria responder do jeito que o aluno me passava o e-mail, aí eu vi que na educação à distância o tempo é flexibilizado, aí eu parava “depois de vinte quatro horas eu vou responder esse e-mail”, aí com isso eu estou me trabalhando, são habilidades que o professor do presencial, se um aluno te destrata tem que responder na mesma hora e no virtual não, o tempo e a questão da visibilidade te ajudam, te dar a liberdade de respirar, de se trabalhar. Então perceber o não percebido, o que você não vê, você tem que perceber o que você não está vendo, isso é fundamental na tutoria.

13- Como os alunos percebem o tutor?

Eu sou bem valorizada na vista deles, em relação financeiramente, não, não é valorizado nessa parte, mas eu sou bem valorizada pelos alunos, eles me vêem, mas assim o que eu vejo varia. Semana passada eu fui aplicar um prova na FGF e os alunos me elogiaram muito, porque eu dava feedback em menos de vinte quatro horas, eu sempre faço e-mails assim. Em menos de quarenta e oito horas você tem obrigação de responder as mensagens, eu faço questão de responder em vinte quatro horas, justamente porque o meu papel principal é trabalhar com tutoria, então eu não deixo para segundo plano e todos os dias eu entro, leio, comento, e teve uma aluna lá da disciplina de didática, que ela não entrou no ambiente virtual durante um mês, ela entrava assim uma vez por semana pra postar as atividades e durante o mês inteiro ela fez quatro acessos e ela não respondeu nenhuma mensagem dos alunos, então depende muito de como o professor,... de como tu faz as coisas, se tu dá feedback. Se tu faz pelo aluno ele te valoriza, agora se tu não faz ele não te valoriza. Eu faço o máximo, sempre no início do curso faço assim, porque que eu digo que sou chata, porque logo no início eu deixo todas as mensagens, no Teleduc eu passo todas as mensagens, como é minha metodologia, passo todas as orientações pra escrever no fórum, orientação para escrever no chat, orientação para escrever nisso, pra aquilo, os meus horários eu deixo tudo muito claro. E nossos alunos acham que tutoria é uma coisa fácil, e aí no início, geralmente no início eu sempre tenho esse rótulo de chata, na primeira semana, porque eu não gosto que o aluno escreva

errado, eu não gosto que o aluno seja chamado atenção por outro tutor, porque tudo isso eles culpam o tutor da educação à distância, então eu faço o máximo pra orientar, a questão da netiqueta, como é que eles escrevem, como ele se comportar, como eles passam um e-mail, então nesse sentido eu pego bem muito no pé, eu sou bem chata. Só que eu não vi os alunos reclamarem desse tipo, os alunos gostaram desse tipo, eles estão fazendo EAD agora, depois de quase quatro disciplinas e nem um tutor ensinou isso a eles, porque não tem essa formação pedagógica, os professores não têm formação na área da educação, não vê a educação à distância como primeira categoria.

14- Como ver o que é o tutor?

Tutor é um pai, eu sempre costumo dizer isso, que a gente orienta, a gente faz a mediação, a gente acompanha, então a gente tem várias funções dentro do ambiente virtual e também no presencial. Então ele tem funções diferenciadas, porque muitas vezes a gente vê na literatura, tem função de facilitador, eu odeio esse termo, eu não facilito nada para os meus alunos, porque eles são todos responsáveis, então eu odeio esse termo. Mas se você juntar todas as funções do tutor, ele tem uma parcela de pai, porque ele orienta. Também detesto aquela função que vem logo no início, proteção. Tutor não protege, tutor não facilita, na minha visão ele media, ele acompanha, ele orienta, então dependendo do momento ele tem sua função diferenciada.

15- Terminologia tutor?

Eu não gosto, por exemplo, nas minhas tutorias eu não gosto que me trate..., na Y é tutor à distância e tutor presencial. Eu não gosto que me chame de tutora eu gosto que me chame de professora-tutora. Eu sempre digo isso a eles, professora, professora-tutora, essa denominação, mas não gosto só da denominação tutora, porque já é desvalorizado e chamando de tutor ai é que a gente fica. Porque ele compara o tutor presencial como o tutor virtual, e ele não tem tanta formação como a gente tem no virtual. Então eu não uso essa denominação tutor-tutor, porque eu não sou só tutora eu sou professora também.